



MAGDA HELENA FURTADO GONÇALVES

ESTUDO COMPARATIVO DAS PREPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS NO
PORTUGUÊS EUROPEU E NO CABO-VERDIANO – VARIANTE DE
SANTIAGO

LICENCIATURA EM ESTUDOS CABO-VERDIANOS E PORTUGUESES

UNI-CV, SETEMBRO DE 2010

MAGDA HELENA FURTADO GONÇALVES

ESTUDO COMPARATIVO DAS PREPOSIÇÕES FUNDAMENTAIS NO
PORTUGUÊS EUROPEU E NO CABO-VERDIANO – VARIANTE DE
SANTIAGO

Trabalho Científico apresentado na UNI-CV para a obtenção do grau de
Licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses, sob a orientação do
Mestre Emanuel de Pina.

Aprovado pelos membros do Júri e homologado pelo Conselho Científico como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses.

O Júri,

(Presidente do júri)

(Arguente)

(Orientador)

UNI-CV, 30 de Setembro de 2010

Dedicatória

Este trabalho é dedicado não só aos meus pais Nicolau Tavares Gonçalves e Maria Monteiro Furtado pelo amor que me dedicaram em todos os momentos da minha vida, mas também a todos aqueles que me apoiaram e contribuíram para a minha felicidade em especial as minhas irmãs.

Agradecimentos

A minha gratidão vai antes de mais para o meu orientador, Mestre Emanuel de Pina, que não só me sugeriu o tema para esta monografia, mas também fez com que este trabalho pudesse crescer saudável. A ele devo todo o apoio e confiança ilimitados que me deixaram sempre entusiasmada e livre para todas as escolhas, sabendo, no entanto, que poderia contar sempre com ele e com o seu saber.

Agradeço-lhe ainda pelos ensinamentos, pelo exemplo que representa, pelo profissional e pessoa que é, pela dedicação. Aliás atenção, cordialidade, conhecimento são os atributos que orientam a sua lida com os alunos.

Agradeço a Deus que me acompanhou e esteve sempre presente durante esta árdua caminhada. Ele que me iluminou nos momentos de obscuridade e me fortaleceu nos momentos de fragilidade. Mantenho a certeza de que Ele continuará ao meu lado, mostrando-me o caminho a trilhar.

Alguns familiares, professores e amigos foram, em vários momentos, de um ou outro modo, apoios indispensáveis. A todos o meu agradecimento:

Aos meus pais, Nicolau Tavares Gonçalves e Maria Monteiro Furtado, pelo grande amor, educação, carinho, estímulo, força para continuar. Enfim que Deus os proteja, uma vez que não encontro palavras suficientes para lhes agradecer. Reservo particularmente um agradecimento muito especial à minha irmã Ana Maria Gonçalves pelo amor, companheirismo, amizade, compreensão e o estímulo que me dispensou nos momentos mais difíceis.

Ao meu ex-professor de Língua Portuguesa, José António Brito, que não só me encorajou, mas também me auxiliou bastante, sobretudo, quando me disponibilizou a sua biblioteca para consultar todos os livros e documentos que precisasse.

Aos professores do antigo Departamento de Línguas Cabo-Verdiana e Portuguesa que incansavelmente nos guiaram durante todos esses anos com o seu ensinamento, a sua amizade e compreensão.

Aos meus amigos e amigas. Em especial, à minha amiga Fátima Monteiro Fernandes pela amizade incondicional e pelo apoio durante esses anos.

Em suma, a todos aqueles que de alguma forma colaboraram para que este trabalho se concretizasse.

ÍNDICE

Introdução.....	8
1- Perguntas de pesquisa	9
2- Objectivos do trabalho	9
3- Fundamentação teórica	10
4- Metodologia	15
5- Estrutura do trabalho.....	15
 Capítulo1: Conceitos e definições	17
1.0 – Nota prévia.....	17
1.1– Alguns conceitos	17
1.1.1– Preposição e significado	20
1.1.2 – Preposições essenciais e acidentais	22
1.1.3 – Unidades convertidas em preposições.....	22
1.1.4 – Forma de preposições	23
1.1.5 – Principais preposições e locuções prepositivas.....	23
1.1.6 – Combinação e contracção com outras palavras	24
 Capítulo2: Origem, funcionalidade e emprego das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago.....	28
2.0 – Introdução	28
2.1– A preposição e a posição que ocupa na frase	29
2.2– Mobilidade na sintaxe	30
2.2.1– Regência das preposições	30
2.2.2 – Regência nominal, verbal e adverbial	31
2.2.3 – Regência dos complementos pelas preposições.....	34
2.2.4 – Regência das orações.....	39
2.3 - Particularidades de emprego de algumas preposições no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago.....	41
 Capítulo3: Aspectos do uso das preposições fundamentais no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante Santiago	50
3.0 – Nota prévia.....	50
3.1 – Comparação do valor e do uso de preposições nas duas línguas e levantamento de corpus	50

3.1.1 – Valores sintáctico-semânticos de algumas preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano - Variante de Santiago	51
3.1.2– Algumas particularidades do uso das preposições no Cabo-Verdiano -Variante de Santiago.....	52
3.1.3- Identificação dos aspectos semelhantes e divergentes quanto à funcionalidade das preposições	63
3.1.4 – Análise comparativa das estruturas sintácticas das diversas classes gramaticais que as preposições têm na sua regência.....	65
Considerações finais	67
Referência bibliografia.....	69

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitula-se “Estudo comparativo sobre as preposições fundamentais no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago”. Enquadra-se no âmbito do trabalho científico exigido pela UNI-CV para a obtenção do grau de licenciado em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses.

Uma das razões relevantes que nos incentivou para a escolha deste tema é a sua pertinência e também a aprendizagem que esta investigação nos irá proporcionar, na medida em que a sua execução constitui oportunidade para um estudo mais aprofundado sobre o assunto em apreço. Mas, por outro lado, não tendo conhecimento de nenhum trabalho feito sobre esta matéria, o seu estudo afigura-se-nos importante na medida em que contribuirá para o melhor conhecimento da matéria em questão.

O uso da preposição pode constituir-se uma dificuldade para qualquer falante de uma Língua Segunda ou Estrangeira, mas este problema pode acontecer também com os falantes de uma Língua Materna. Isto por causa das diversas dúvidas que ficam subjacentes relativamente ao seu uso correcto, dúvidas essas resultantes, muitas vezes, da deficiência de estudos e, consequentemente, da falta de conhecimentos sistematizados e clarificadores sobre a utilização dessa categoria gramatical. Deste modo, propusemo-nos analisar a problemática do uso das preposições fundamentais no Português Europeu¹ e efectuar, tanto quanto possível, um estudo comparativo com as categorias correspondentes no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago.

Pretendemos com esta investigação dar um modesto contributo para uma melhor compreensão da funcionalidade e do uso das preposições sobretudo no Cabo-Verdiano em que esta questão tem merecido pouca atenção.

Vale salientar que a grande riqueza das preposições bem como o seu desdobramento com funções sintácticas e semânticas diversas aumentam as dificuldades do seu emprego. Ou seja, as preposições, devido a sua quantidade, significação e posição sintáctica que ocupam na arquitectura organizacional da frase, nos mais diversos contextos, carecem de maior precaução relativamente ao seu emprego por parte dos falantes.

Só estes factores bastariam para justificar o aparecimento deste trabalho, uma vez que, sobre este tema, não existe ainda nenhum trabalho assaz completo, quer de autores portugueses, quer de autores cabo-verdianos. Assim, optámos por trabalhar as preposições

¹ Estamos a referir-nos essencialmente às preposições *a, de, em, para, por e com*.

fundamentais do Português Europeu² e do Cabo-Verdiano – Variante de Santiago, devido não só às razões que acima expusemos, mas também pela extraordinária riqueza idiomática das línguas em questão.

1. Perguntas de pesquisa

A realização do trabalho científico exige, previamente, a formulação de questões fundamentais que irão servir de núcleo de investigação e reflexão temática. Eis algumas das questões formuladas:

1. Será que na língua cabo-verdiana ocorrem as mesmas preposições consideradas fundamentais na língua portuguesa? Que funcionalidade e significação tem essa classe de palavras no cabo-verdiano?
2. Quais são as semelhanças e as diferenças de funcionalidade das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago?
3. Que dificuldades podem verificar-se relativamente ao uso e emprego das preposições nas duas línguas em referência?

2. Objectivos

a) Gerais:

- Efectuar um estudo comparativo sobre o uso e o emprego das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago;

- Contribuir para o estudo das preposições no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago, na medida em que não há, nesta língua, muitos estudos sistemáticos acerca deste tópico.

² Cf. a Nota 1.

b) Específicos:

- Identificar as preposições fundamentais no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago;
- Analisar e estabelecer os aspectos semelhantes e divergentes quanto ao valor, ao significado e à funcionalidade das preposições fundamentais nas duas línguas;
- Analisar e descrever as estruturas sintáctico-semânticas das diversas classes gramaticais que as preposições têm na sua regência nas duas línguas.

3. Fundamentação teórica

As preposições têm um papel de extrema relevância para o funcionamento da língua, visto que são usadas como elementos de ligação entre dois termos de uma oração. Elas têm por utilidade aglutinar os termos do discurso, precisando as relações que há entre eles. O seu uso e emprego podem apresentar algum embaraço para o falante.

Cunha e Cintra (1999:551-552) definem preposições como palavras invariáveis que relacionam dois termos de uma oração, de tal modo que o sentido do primeiro (antecedente) é explicado ou completado pelo segundo (consequente).

Para Cunha e Cintra (op. cit.), as preposições quanto à forma podem ser simples, quando expressas por um só vocábulo e compostas (ou locuções prepositivas), quando constituídas de dois ou mais vocábulos, sendo o último deles uma preposição simples (geralmente *de*). Estes autores sustentam que as preposições simples são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde*, etc. Tais preposições denominam-se também essenciais, para se distinguirem de certas palavras que, pertencendo normalmente a outras classes, funcionam às vezes como preposições e, por isso, se dizem preposições acidentais tais como: *afora, conforme, consoante, durante, excepto, fora, mediante, menos, não obstante*, entre outros.

Relativamente à significação das preposições, Cunha e Cintra (*Ibidem*) realçam que a relação que se estabelece entre as palavras ligadas por intermédio de preposição pode implicar movimento ou não movimento, isto é, pode exprimir um movimento ou uma situação daí resultante.

Vejam-se alguns exemplos com ideia de movimento:

- (1) a. «Vou *a* Roma.»
 b. «Todos saíram *de* casa.»

São marcadas pela ausência de movimento as relações que as preposições *a*, *de* e *com* estabelecem nas seguintes frases:

- (2) a. «Chegaram *a* tempo.»
 b. «Chorava *de* contentamento.»
 c. «Estive *com* Pedro.»
 d. «Concordo *com* você.»

Tanto o movimento como a situação podem ser considerados em referência ao espaço, ao tempo e à noção. Por exemplo, a preposição *de* estabelece uma relação (cf. Cunha e Cintra *Ibidem*):

- (3) Espacial, como em:

Todos saíam de casa.

- (4) Temporal, como em:

Trabalho de 8 às 8 todos os dias.

- (5) Nocional, como em:

Chorava de dor.

De acordo ainda com Cunha e Cintra (op. cit.), nos exemplos acima, a preposição *de* relaciona palavras à base de uma ideia central: «movimento de afastamento de um limite» ou «procedência». Em outros casos, mais raros, predomina a noção derivada de situação *longe de*. Os matizes significativos que a preposição *de* pode adquirir em contextos diferentes derivarão sempre desse conteúdo significativo fundamental e das possibilidades de aplicação aos campos espacial, temporal ou nocional, com a presença ou ausência de movimento (Cunha e Cintra 1999:553).

Cunha e Cintra (op. cit.) concluem que embora as preposições apresentem grande variedade de uso no discurso, é possível estabelecer para cada uma delas um significado

fundamental marcado pela expressão de movimento ou de uma situação daí resultante e aplicável aos campos espacial, temporal e nocional.

Teyssier (1989), por sua vez, afirma que as preposições têm por função ligar os termos do discurso, precisando as relações que há entre eles. Ou seja, as preposições, de uma forma geral, podem ligar termos de classe gramatical muito diversa, regendo substantivos, pronomes, advérbios, ou outras preposições.

De acordo com Teyssier (op. cit.), a preposição portuguesa tem a sua origem no latim: *a, de, por, para, com, em, sem*; em aglutinações: *após* (do latim: ad+post), *desde* (do latim: de+ex+de), *para* (do latim: per+ad); em locuções terminadas por uma preposição de origem latina: *em vez de, antes de, por força de*; e em palavras que pertencem a outras classes no português: *segundo, excepto, conforme*, entre outros.

Bechara (1999:305) define a preposição como uma unidade linguística desprovida de independência – isto é, ela não aparece sozinha no discurso, salvo por hipertaxe³ – e, em geral átona, que se junta a substantivos, adjetivos e advérbios para marcar relações gramaticais que desempenham no discurso, quer nos grupos unitários nominais, quer nas orações.

As preposições ligam antecedentes ou subordinantes aos consequentes ou subordinados. Mas, muitas vezes, a preposição em vez de aparecer entre o subordinante e o subordinado, graças a possibilidade de outra disposição das palavras, pode ocorrer aparentemente sem o primeiro.

Veja-se o seguinte exemplo:

(6) *Por lá* (subordinado) *todos passaram.* (subordinante)

(Bechara 1999:305)

Na perspectiva deste autor, a preposição não exerce nenhum outro papel que não seja o de ser índice da função gramatical de termo que ela introduz. Por exemplo em: *Aldenora gosta de Belo Horizonte*. A preposição *de* une a forma verbal *gosta* ao seu termo complementar *Belo Horizonte* para ser o índice da função gramatical preposicionada complemento relativo.

³ Segundo Bechara (op. cit.), *hipertaxe* pode definir-se como a propriedade pela qual uma unidade de um estrato inferior pode funcionar-se por si só, isto é, combinando-se com zero em estratos superiores, podendo chegar até ao estrato do texto e por aí opor-se às unidades próprias desse novo estrato.

Bechara (*Ibidem*) acrescenta ainda que em: *Homem de coragem*, a mesma preposição *de* vai permitir que o substantivo *coragem* exerça o papel de *adjunto adnominal* do substantivo *homem* – função normalmente desempenhada por adjetivo. Nestes casos, a preposição é um transpositor, isto é, elemento gramatical que habilita uma determinada unidade linguística a exercer papel gramatical diferente daquele que normalmente exerce. Nas construções deste tipo, o termo anterior à preposição chama-se antecedente ou subordinante e o posterior denomina-se conseqüente ou subordinado. O subordinante pode ser substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio ou interjeição como ilustram os seguintes exemplos:

“Livro *de* história”;
 “Útil *a* todos”;
 “Alguns *de* vocês”;
 “Necessito *de* ajuda”;
 “Referentemente *ao* assunto”;
 “Ai *de* mim”!
 (Bechara 1999:297)

E o subordinado pode ser constituído por substantivo, adjetivo, verbo (no infinitivo ou gerúndio) ou advérbio, como em:

“Casa *de* Pedro”;
 “Pulou *de* contente”;
 “Gosta *de* estudar”;
 “*Em* chegando”;
 “Ficou *por* aqui”.
 (Bechara *Ibidem*)

Acerca da significação das preposições, Bechara (op. cit.) salienta que cada preposição tem o seu significado unitário, primário que se desdobra em outros significados contextuais (que tem que ver com o sentido de toda a oração), em acepções particulares que emergem do nosso saber sobre as coisas e das nossas experiências do mundo.

Bechara realça ainda que tudo na língua é semântico, isto é, tem um significado que varia conforme o papel léxico ou puramente gramatical que as unidades linguísticas desempenham nos grupos nominais unitários e nas orações. Na relação dos «significados» das

preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação (cf. Bechara: 1999: 297- 298).

Bechara (1999: 298) afirma que o sistema preposicional do português, do ponto de vista semântico, está dividido em dois grupos centrais: o primeiro caracteriza-se pelo traço “dinamicidade” (física ou figurada) e outro em que os traços de noções “estáticas” e “dinâmicas” são indiferentemente marcados tanto em referência ao espaço, quanto ao tempo. Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por, de* e *desde*; ao segundo: *ante, trás, sob, sobre, com, sem, em* e *entre*.

Para o caso do Cabo-Verdiano – Variante de Santiago – as preposições fundamentais, segundo Almada (1965), são praticamente as mesmas que existem no Português Europeu, salvo algumas alterações: *com* (Sotavento *ku*), *de* (Sotavento *dì*), *por e para* (Sotavento *pa*), *em* (Sotavento *na*). Almada ressalta ainda que a preposição *com* se encontra representada em Cabo-Verdiano e na Variante de Santiago por *ku*. Em casos em que a regência da referida preposição implica um complemento circunstancial de companhia, usa-se em Barlavento a forma *ma*.

Segundo Lang *et al.* (2002:36), as preposições simples da Variante de Santiago são: *na/di* ‘em/de’, *ti/désdi* ‘até/desde’, *ántis/dipos* ‘antes/depois’, *diánti/trás* “diante/detrás”, *báxu/riba* “sob, debaixo/sobre, em cima ”, *dentu/fora* “dentro/fora”, *ku/ sen* “com/sem”, *duránti* “durante”- ocupa a posição intermédia entre *ántis* e *dipós*. Faz notar que quase todas as preposições se deixam agrupar duas a duas. Quando “A” e “B” estão intrinsecamente relacionados, pode utilizar-se *en* em vez de *na* (Exemplo: Minina transforma *na/en* pomba (Regionalismo de Santiago), un stória *na/en* kriolu. (uma estória em crioulo). As preposições mais ou menos isoladas são *pa* “para, por”, *kóntra* “contra” e *entri* “entre” (cf. Lang *et al.*, op. cit.).

Lang (*ibidem*) referiu ainda que além das preposições simples, existe uma grande quantidade de locuções prepositivas como: *alen di* “além de”, *pa bándi di* “por volta de”, *na frenti di* “em frente de”, *na fin di* “ao fim de” (exemplo: *Na fin di kel bom kebra-ndjudjun, mudjer fla-l.*), etc.

De acordo com Veiga (2002:145), fala-se de locuções quando um conjunto de dois ou mais vocábulos, com individualidade fonético-morfológica, constituem uma unidade significativa. Podem ser de natureza adverbial, prepositiva, conjuntiva e interjectiva.

Veiga (1982:161) define preposição como “unidade invariável ki ta sirbi pa faze ligason entri dos palavra o frazi y ki ta introduzi un komplimentu sirkunstansial.”

De acordo com Veiga (op. cit.), as preposições simples existentes na variante de Santiago são: *ku, di, pa, na, entri, ántis, en, a*. Afirma que *a* e *en* são funcionais “ki ta fazi parti di strutura di purtuges mas ki ku fenóminu di hiperkureson ja es sta en vias di entra na strutura di kriolu.”

Nos capítulos centrais, adoptaremos estes pressupostos teóricos, além de outros que, circunstancialmente serão utilizados.

4. Metodologia

Para a elaboração desta monografia, utilizámos algumas opções metodológicas, destacando fundamentalmente a análise documental e bibliográfica, que consistiu em consultar diversos documentos que abordam o tema. Ou seja, sendo um trabalho feito sobre a língua cabo-verdiana estabelecendo analogia com a língua portuguesa, o método que utilizámos de forma a alcançar os objectivos preconizados, foi a pesquisa bibliográfica.

Relativamente à língua cabo-verdiana, recorreremos essencialmente à bibliografia de autores reconhecidos que versaram sobre o tópico em estudo. De igual modo, foi feito o levantamento de corpus em obras literárias em cabo-verdiano, tais como: *Na bóka noti*, de Tomé Varela da Silva (1987) e *Lagoa Gémea*, de Spínola (2004), com a finalidade de confirmar as nossas introspecções enquanto falante nativo. Por outro lado, servimo-nos do suporte linguístico que adquirimos como falante com a capacidade de domínio da língua cabo-verdiana com particular relevo para variante de Santiago (a nossa experiência dialectal de berço). As pesquisas na Internet também foram tidas em conta para a complementação das nossas investigações.

5. Estrutura do trabalho

Para além da Introdução e da Conclusão, o trabalho encontra-se estruturado em três capítulos. No primeiro, fizemos, à luz de várias teorias, uma descrição geral sobre as preposições. No segundo capítulo, debruçámo-nos sobre origem, funcionalidade e emprego das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago. Nesse capítulo, destacámos os seguintes itens: origem das preposições no Cabo-Verdiano;

mobilidade na sintaxe; regência das preposições e, por último, particularidades do emprego de algumas preposições no Cabo-Verdiano - Variante de Santiago.

No terceiro capítulo, identificámos as preposições fundamentais na língua portuguesa e no Cabo-Verdiano - Variante de Santiago. Efectuámos uma análise comparativa relativamente ao uso das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano. Seguidamente, identificámos os aspectos semelhantes e divergentes quanto à funcionalidade e ao valor das preposições. E para finalizar, fizemos uma análise comparativa das estruturas sintácticas das diversas classes gramaticais que as preposições têm na sua regência nas duas línguas. E por fim aludimos às referências bibliográficas.

CAPÍTULO 1

Questões gerais preliminares

1. Conceitos e definições

1.0 Nota prévia

Neste capítulo, abordar-se-á primeiramente o conceito de preposição. Serão referidas: na subsecção 1.1.1., as preposições e os significados; em 1.1.2., as preposições essenciais e acidentais; em 1.1.3., as unidades convertidas em preposição; em 1.1.4., a forma das preposições; em 1.1.5., as principais preposições e locuções prepositivas e, na subsecção 1.1.6., a combinação e a contracção das preposições com outras palavras.

1.1. Alguns conceitos

Veiga (1994: 309) define preposição como morfemas (ou monemas gramaticais) que servem para estabelecer a ligação entre palavras, frases ou sintagmas. Apresenta como preposições simples na Variante de Sotavento as seguintes: *ku, di, na, en, pa, ti, entri, fora, sugundu, tirandu, isétu, desdi*, cujas correspondentes no português são: *com, de, em, para, por, até, entre, segundo, tirante, excepto, desde*.

No que diz respeito às locuções prepositivas, Veiga (1994:319) define-as como unidades significativas formadas por dois ou mais vocábulos, sendo o último, normalmente a preposição *de*, na variante de Sotavento, como atestam os exemplos. *riba di, djuntu di, diante di, pa tras di, antis di, baxu di*, que correspondem em Português: *em cima de, junto de, em frente de, atrás, antes de, debaixo*.

Vilela (1999: 251), por seu turno, afirma que a maior parte das preposições teve origem em advérbios de lugar, mas que há outras proveniências. Vejam-se os seguintes exemplos:

1. dos advérbios, como:

antes, atrás, perante, defronte de, fora, afora, menos, etc.

2. dos adjetivos, como:

perto de, próximo de, longe de, devido a, junto a, contíguo a, etc.

3. dos participípios, como:

salvo, durante, mediante, excepto, etc.

4. dos substantivos, como:

graças a, segundo, conforme a, com base em, ao lado de, a despeito de, a par de, etc.

5. das combinações diversas, como em:

até a, de entre, por entre, de cima de, de dentro de, por detrás de, etc.

Vilela (*ibidem*) salienta que as preposições comportam e transportam um determinado valor, mas muitas vezes é o substantivo ou a expressão no seu conjunto que arrasta o conteúdo da preposição para um domínio temporal, espacial ou valores abstractos. Portanto, não se pode afirmar que uma preposição tem tal ou tal valor. Por exemplo, a preposição *a* transporta o sema (localização), em: *Lisboa fica a sul*, (movimento), em: *vou a Lisboa*, (tempo), em: *Chego sempre à hora*, (modo), em: *andar a passo*, etc. Pode considerar-se que a preposição tem um valor protótipo que, ou é *lugar*, ou é *tempo*, ou *lugar e/ou tempo*, e depois adquiriu valores abstractos. Elas entrecruzam-se com outros elementos para exprimir nas suas várias modalidades esse domínio nocional (cf. Vilela op. cit.252-253).

A propósito das locuções prepositivas, Brito (2003:392-393) afirma que tanto as preposições, como as locuções prepositivas são palavras invariáveis não flexionadas, o que as aproxima dos advérbios e das conjunções. Algumas preposições são essencialmente marcas de casos, e outras, pelo menos em alguns dos seus valores, sofrem um processo de reanálise, comportando-se como complementadores, como acontece com *para*, quando introduz orações infinitivas. Exemplo:

(7) “Eu disse *para* tu vires.”

Na perspectiva de Brito (*Ibidem*), as preposições e locuções prepositivas, juntamente com a categoria sintagmática que se lhes segue, um SN ou uma frase formam um sintagma preposicional, ou seja, o núcleo da categoria sintagmática SP é uma preposição ou uma

locução prepositiva que tem a propriedade de seleccionar um complemento. Vejam-se os exemplos:

- (8) a. “Fui a Lisboa” (cf. *Fui a.).
 b. “Um livro de histórias” (cf. *Um livro de.).

De um modo geral, tanto um elemento como outro constituem categorias lexicais, visto que seleccionam complemento e estão-lhes associados valores semânticos. As preposições e locuções prepositivas ocupam o lugar de núcleo da categoria (SP) Sintagma Preposicional. A grande maioria das preposições e das locuções prepositivas, sendo categorias relacionais, não pode ocorrer isolada, sendo seguida de um Sintagma Nominal (SN) ou de uma frase (finita ou infinita) (cf. Brito 2003:392).

De acordo com Vilela (1999:250-251), a preposição (pré + posição) serve de instrumento de ligação entre dois segmentos do enunciado, em que a sequência colocada após a preposição fica dependente de «um certo modo» da sequência que precede a preposição. Tanto as preposições, como as conjunções têm como função ligar elementos linguísticos e caracterizar determinadas relações semânticas entre esses elementos. As preposições tais como as conjunções são palavras de ligação, são invariáveis e não podem funcionar como elementos frásicos. Contudo, as preposições distinguem-se das conjunções pela sua capacidade de regência e por serem semanticamente a expressão de uma dada relação.

Vilela (op. cit.) salienta ainda que as preposições exprimem relações de lugar, tempo, modo, causa e ainda uma gama enorme de outras relações. Algumas preposições especializaram-se na expressão de uma relação como por exemplo: *graças a*, *apesar de*, *de... até... desde*, *por amor de*, etc. Acrescenta que a maior parte das preposições é polissémica e elucidou com exemplos como: a preposição *de*: *o tecto da casa*, *o tempo das chuvas*, *ir de comboio*, *tremar de medo*, etc. ou servem de suporte à sinonímia (*lutar pela paz/ a favor da paz/ para a paz*).

Este autor realça, entretanto que se partirmos de um ponto de vista onomasiológico, por exemplo, “movimento”, observamos que a língua dispõe de: **até**: *vou até Lisboa*, **a**: *vou a Lisboa*, **para**: *vou para Lisboa*, **de**: *venho de Lisboa*, **desde**: *falo desde Lisboa*. Trata-se de movimento mas com especificidades sémicas relativamente a cada uma das preposições.

Vilela (op. cit.) diz ainda que o valor das preposições fica diluído (= preposição incolores) quando elas são exigidas por verbos, substantivos, adjectivos ou advérbios: nesses

casos, as preposições fazem parte das respectivas palavras autossémicas. Vejam-se os exemplos de sequências como:

1. **Participar em:** *Ele participou em todas as campanhas do partido.*
2. **Esperar por:** *Ele esperou pelo amigo uma quantidade de tempo.*
3. **Orgulhoso de:** *Ele está orgulhoso do sucesso do filho.*
4. **Contente com:** *Ele está sempre contente com tudo.*
5. **Relativamente a:** *Relativamente à transparência dos políticos, estamos conversados!*
6. **Ávido de:** *Ele está ávido de vingança.*

1.1.1. Preposição e significado

Relativamente ao significado das preposições, Bechara (1999) diz que o caso da preposição *com*, as gramáticas atribuem globalmente os significados de:

Companhia: *Dancei com Marlit.*

Modo: *Estudei com prazer.*

Instrumento: *Cortei o pão com a faca.*

Causa: *Fugiu com medo do ladrão.*

Oposição: *Lutou com o ladrão.*

No que diz respeito a este assunto, Bechara (op. cit.) frisa que a língua portuguesa só atribui a *com* o significado de «co-presença» que, na língua, mediante o seu sistema semântico, se procura expressar com esta preposição é que, na fórmula *com* + x, x está sempre presente no «estado de coisas» designado. Os significados ou sentidos contextuais, analisados pela nossa experiência de mundo e saber sobre as coisas nos permitem dar um passo a mais na interpretação e depreender uma acepção secundária. Por exemplo:

(9) *Cortar o pão com faca.*

Pelo que sabemos o que é «cortar», «pão», «faca», entendemos que *a faca* não só esteve presente no acto de «cortar o pão», mas foi o «instrumento» utilizado para a realização desta acção. Já em *dancei com Marlit*, emerge, depois da noção da «co – presença», o sentido de

«companhia», pois em geral não se pratica a dança sozinho (Bechara: 1999: 298-299). Veja-se agora o exemplo que se segue:

(10) *Estudei com prazer.*

O *prazer* não só esteve «presente», mas também representou o «modo» como a acção foi levada a termo. Bechara alude ainda que não se deve perder de vista que, na relação dos significados das preposições, há sempre um significado unitário de língua, que se desdobra em sentidos contextuais a que se chega pelo contexto e pela situação (cf. Bechara 1999:298).

Do ponto de vista semântico, Bechara (op. cit.) dividiu o sistema preposicional português em dois campos centrais: o primeiro caracterizado pelo traço *dinamicidade* e o segundo em que os traços de noções estáticas e dinâmicas são indiferentemente marcados, tanto em referência ao espaço quanto ao tempo.

Ao primeiro campo pertencem: *a, contra, até, para, por, de, e desde*; ao segundo: *ante, trás, sob, sobre, com, sem, em e entre*. O primeiro grupo admite divisão em dois subgrupos: a) movimento de aproximação ao ponto de chegada (*a, contra, até, para*); b) movimento de afastamento (*de, desde*). A preposição *por* se mostra compatível com as duas noções apontadas.

O primeiro subgrupo ainda pode dividir-se em duas outras noções suplementares: a) chegada ao limite (*a, até, contra*, sendo que *a contra* se adiciona a noção de limite como obstáculo ou confronto); mera direcção (*para*). O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções de afastamento: a) origem (*de*); b) mero afastamento (*desde*).

O segundo grupo admite divisão em dois subgrupos: a) situação definida e concreta (*ante, trás, sob, sobre*) b) situação mais imprecisa (*com, sem, em, entre*).

O primeiro subgrupo pode dividir-se em duas outras noções suplementares: situação horizontal (*ante, trás*); b) situação vertical (*sob, sobre*).

O segundo subgrupo também admite divisão em duas outras noções suplementares: a) co-presença, distribuída em positiva (*com*) e negativa (*sem*); b) em que a noção de limite, dentro da imprecisão que caracteriza o par, marca a preposição *entre* (cf. Bechara 1999: 299).

De acordo com Lang (2002:36), as preposições no crioulo têm um significado situador: numa construção do tipo A preposição B (Oxi *ten bádju fora di Práia*. ‘Hoje há um baile fora de Praia’), as preposições situam o referente “A” (“Oxi ten bádju”) em relação ao referente “B” (“Práia”). B pode ser também uma oração subordinada (*Dipos ki el tenta tudu tenta sai di la, ..., e razolve grita pa sokoru*. ‘Depois de ter tentado tudo para sair de lá, ... ele

resolveu gritar por socorro’). “A”/ ou “B” têm que ser de fácil dedução, mas podem não estar expressos (Dipos *es po konbérstu dentu*) (depois eles continuaram a conversar). Um referente pode ser situado no espaço, no tempo ou num outro plano.

1.1.2. Preposições essenciais e acidentais

Segundo Bechara (1999), há palavras que só aparecem na língua como preposições e, por isso, designam-se preposições essenciais: *a, ante, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*.

São acidentais as palavras que, perdendo o seu valor e emprego primitivo, passaram a funcionar como preposições: *durante, como, conforme, feito, excepto, salvo, visto, segundo, mediante, tirante, fora, afora*, entre outros.

Só as preposições essenciais se fazem acompanhar de formas tónicas dos pronomes oblíquos. (cf. Bechara: 1999:301). Vejam-se os exemplos que se seguem:

- (11) a. «*Sem mim não fariam isso*».
b. «*Excepto eu, todos foram contemplados*».

De acordo com Brito (2003:398-399), um dos factores caracterizadores das preposições é o papel que elas assumem na marcação temática do seu complemento. Outro parâmetro relevante é o que diz respeito à atribuição do caso abstracto ou morfologicamente realizado.

É possível distinguir três tipos de preposições e locuções prepositivas – as que marcam tematicamente os seus argumentos juntamente com outros predicadores; por exemplo os verbos de movimento *ir a, vir de* e os verbos de localização *pôr em, colocar em, arrumar em*, etc. - As que são os verdadeiros itens predicativos e por si sós marcam tematicamente os seus próprios argumentos; - e as que têm um papel secundário na marcação temática e que são essencialmente marcadores de caso.

1.1.3. Unidades convertidas em preposições

No sentido oposto à criação de advérbios ou locuções adverbiais, mediante o emprego de preposições combinadas com substantivos (*à noite, de tarde, com prazer*, etc.), certos advérbios ou outras palavras levadas à classe de advérbio e certos adjectivos imobilizados no masculino podem converter-se em preposições. (Bechara:1999: 299). Exemplos:

- (12) a. «*Fora* os alunos ninguém mais pode entrar no salão.»
 b. «*Após* a chuva vieram os prejuízos.»
 c. «Os negociantes foram soltos *mediante* fiança.»

Bechara realça ainda que podem converter-se também em preposição adjectivos como: *excepto, salvo, visto, conforme, segundo, consoante, mediante*, e os quantificadores indefinidos *mais* ou *menos* quando estão empregados para exprimir não a quantidade, mas a soma e a subtracção (*mais estes lápis, ele mais o pai*) (Bechara 1999:301-302).

1.1.4. Forma das preposições

Na perspectiva de Bechara (op. cit.), as locuções prepositivas são um grupo de vocábulos com valor e emprego de uma preposição. Em geral, as locuções prepositivas são constituídas de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de*, *a*, ou *com*, o que se pode verificar através dos exemplos que o autor fez alusão:

- (13) a. «O garoto escondeu-se *atrás do* móvel.»
 b. «Não saímos *por causa da* chuva.»
 c. «O colégio ficava *em frente a* casa.»
 d. «O ofício foi redigido *de acordo com* o modelo.»

Às vezes a locução prepositiva forma de duas preposições, como: *de per* (na locução *de per si*), *até a* e *para com*.

- (14) a. «Foi *até ao* colégio.»
 b. «Mostrava-se bom para *com* todos.»

1.1.5. Principais preposições e locuções prepositivas

Segundo Brito (2003: 391), as preposições simples do português são: *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*.

As locuções prepositivas mais usuais são as seguintes: *abaixo de, acerca de, acima de, adiante de, a fim de, além de, antes de, ao lado de, a par de, apesar de, apesar de, a respeito de, atrás de, através de, de acordo com, debaixo de, de cima de, dentro de, depois de, diante de, em baixo de, em cima de, em frente a/de, em lugar de, em vez de, graças a, junto a/de, para baixo de, por causa de, por cima de, para com, perto de, por baixo de, por causa de, por detrás de, por diante de, por entre, por trás de.*

De acordo com Bechara (2010: 293), locução prepositiva é o grupo de palavras com valor e emprego de uma preposição. Em geral, a locução prepositiva é constituída de advérbio ou locução adverbial seguida da preposição *de, a* ou *com*.

1.1.6. Combinação e contracção com outras palavras

As preposições podem vir associadas a outras palavras. Dessa associação, pode resultar uma combinação ou uma contracção. Temos combinação, quando na junção da preposição com outra palavra não houver perda de elemento fonético; e contracção quando na junção da preposição com outro vocábulo houver perda fonética.

Para Bechara (1999), há combinação quando a preposição, ligando-se a outra palavra, não sofre redução. Por exemplo, a preposição *a* combina-se com o artigo definido masculino: $a+o = ao$; $a+os = aos$.

Bechara afirma ainda que há contracção quando, na ligação com outro vocábulo, a preposição sofre redução. As preposições que se contraem são:

1. A preposição *a*:

Com o artigo definido:

$a+a = à$; $a+as = às$ (esta fusão recebe o nome de crase)

$a+o = ao$; $a+os = aos$

Com o pronome demonstrativo:

$a+aquele = àquele$; $a+ aqueles = àqueles$

$a + aquela = àquela$; $a + aquelas = àquelas$ (crase)

$a +aquilo = àquilo$ (crase)

2. A preposição *de*:

Com o artigo definido masculino e feminino:

de + o = do ; de + a = da ; de + os = dos; de + as = das

Com o artigo indefinido (menos frequente)

de + um = dum ; de + uns = duns

de + uma = duma ; de + umas = dumas

Com o pronome demonstrativo:

de + aquele = daquele; de + aqueles = daqueles

de + aquela = daquela ; de + aquelas = daquelas

de + aquilo = daquilo

de + esse = desse; de + esses = desses; de + este = deste; de + estes = destes;

de + essa = dessa; de + essas = dessas; de + esta = desta; de + estas = destas;

de + isso = disso; de + isto = disto;

Com o pronome pessoal:

de + ele = dele; de + eles = deles;

de + ela = dela; de + elas = delas;

Com o pronome indefinido:

de + outro = doutro; de + outros = doutros;

de + outra = doutra; de + outras = doutras;

Com advérbio:

De + aqui = daqui; de + aí = daí; de + ali = dali;

3. A preposição *em*:

Com o artigo definido, graças à ressonância da nasal:

em + o = no; em + os = nos; em + a = na; em + as = nas

Com o artigo indefinido:

em + um = num; em + uns = nuns

em + uma = numa; em + umas = numas

Com o pronome demonstrativo:*em + aquele = naquele; em + aqueles = naqueles**em + aquela = naquela; em + aquelas = naquelas**em + aquilo = naquilo**em + esse = nesse; em + esses = nesses; em + este = neste; em + estes = nestes**em + essa = nessa; em + essas = nessas; em + esta = nesta; em + estas = nestas**em + isso = nisso; em + isto = nisto***Com pronome pessoal:***em + ele = nele; em + eles = nele**em + ela = nela; em + elas = nelas***4. A preposição *per* (*por*):****Per – com as formas antigas do artigo definido:***per + lo = pelo; per + los = pelos; per + la = pela; per + las = pelas;***5. A preposição *para*:****Para (*pra*) – com o artigo definido:***Para (*pra*) + o = pro; para (*pra*) + os = pros; para (*pra*) + a = pra; para (*pra*) + as = pras***6. A preposição *com*:****Co (*m*) – com o artigo definido:***Co (*m*) + o = co; co (*m*) + os = cos; co (*m*) + a = coa; co (*m*) + as = côas*

As preposições são palavras invariáveis, pois não sofrem flexão de género, número ou variação em grau como os nomes, nem de pessoa, número, tempo, modo, aspecto e voz como os verbos. No entanto em diversas situações as preposições se combinam a outras palavras da língua (fenómeno da contracção) e, assim, estabelecem uma relação de concordância em género e número com essas palavras às quais se ligam. Mesmo assim, não se trata de uma variação própria da preposição, mas sim da palavra com a qual ela se funde (ex.: de + o = do; por + a = pela; em + um = num, etc.).

As preposições, de uma forma geral (e de um modo particular, *a*, *com*, *de*, *em*, *para*, *por*) podem ligar termos de classe gramatical muito diversa, regendo:

- **Substantivos** (ou nomes): venho *de* Paris e sigo *para* Lisboa.
- **Pronomes**: a música foi composta *por* nós.
- **Verbos**: vim mais cedo para poder assistir a aula.
- **Advérbios**: a Ana visitava-me de quando *em* quando.
- **Preposições**: avancei *por* entre aquela multidão.
- **Orações**: aconselhei-te *a* que não te aproximasses, etc.

De acordo com Pina (2001:2), as preposições como: *a, de, com, para, em* e *por* são todas proclíticas, ou seja, podem contrair-se com outras palavras. Distinguem – se das demais preposições, sobretudo pela forte capacidade de regência e por serem semanticamente a expressão de uma dada relação.

CAPÍTULO 2

Origem, funcionalidade e emprego das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago

2.0. Introdução

De acordo com Ançã (1999: 137, apud Pottier 1995), as preposições estabelecem as relações básicas da língua com o universo. O universo é apreendido de forma dimensional – Espaço (E) e Tempo (T) – ou sob forma nocional ou lógico-semântica (N), podendo as preposições exprimir o tempo, o espaço e ainda exprimir noções, exemplo: “*de manhã*”, “*em casa*”, “*com embaraço*” (cf. Pottier, 1992:177). A perspectiva a seguir é esta delineada: a de considerar a preposição como um elemento de ligação (sai *de* casa, fico *em* casa, sinto-me *com* um certo embaraço). A preposição espacial é um elemento de ligação entre lugares e objectos, e de especificação dos movimentos e das transformações operadas entre eles (cf. também Keefe 1996: 281).

Ançã (op. cit.) cita Féve (1986) que, por sua vez, distingue espacialização de localização. O primeiro conceito seria de natureza cognitiva, enquanto o segundo seria de natureza linguística, isto é, “traço dessa espacialização nos enunciados produzidos”. Sendo a espacialização um conceito de ordem cognitiva, e um processo bastante complexo e não imediato em termos objectivos, como pretendeu a teoria forte dos localistas, importa referir a aquisição das noções de espaço, para, em termos didácticos, seguir o seu percurso.

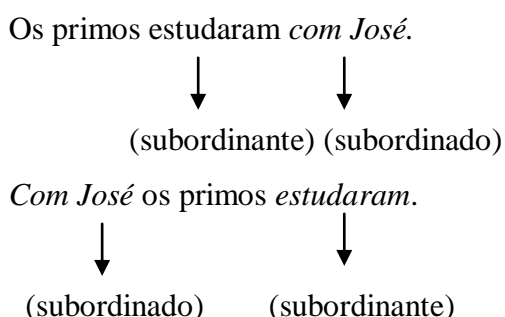
Pereira (2005) afirma que o Cabo-Verdiano é um crioulo de base lexical portuguesa, porque a língua dominante que esteve na sua origem e formação e que lhe forneceu a maior parte do seu léxico foi o Português (Pereira 2005: 1). Assim, pode afirmar-se que várias classes de palavras do Cabo-Verdiano, incluindo as preposições, provieram da Língua Portuguesa e que com o tempo se transformaram em itens idiossincráticos no Cabo-Verdiano.

Para Veiga (1999), tanto quanto se sabe, também muitos fonemas da língua portuguesa são idênticos ou aproximam-se dos fonemas da língua cabo-verdiana, o que naturalmente acontece pelo facto de a maior parte do léxico ter a sua origem no português. Muitas palavras sofreram alterações tanto a nível fonético e fonológico, como a nível morfossintáctico e semântico. Afiança ainda que “os termos podem ter a origem no português, mas tiveram uma actualização que nem sempre se coaduna com o sentido do radical. E se a isto acrescentarmos

a reestruturação gramatical operada, concluiremos que o crioulo de Cabo Verde é um novo código. Novo pela sua fonética e fonologia, novo pela sua morfossintaxe e semântica”.

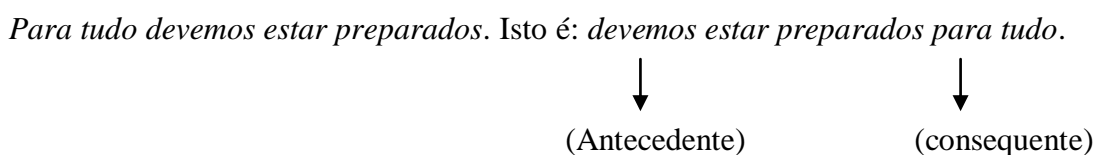
2.1. A preposição e a posição que ocupa na frase

Na opinião de Bechara (1999), a preposição em vez de aparecer entre o termo subordinante e o subordinado, graças à possibilidade de outra disposição das palavras, pode vir aparentemente sem o primeiro:



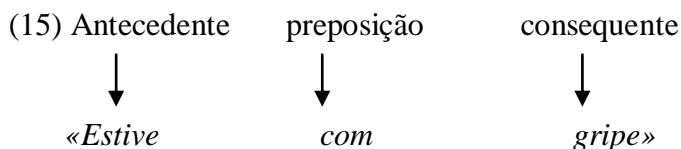
O que se pode constatar, através dos exemplos é que nem sempre a preposição vem imediatamente ligada ao conseqüente por se intercalarem outras palavras de permeio. Eis o exemplo: *Trouxe-o sobretudo para, quando partires, poderes levá-lo*.

Por vezes, o antecedente e o conseqüente trocam as suas posições, por conveniência estilística:



O termo regido da preposição – o conseqüente – completa ou explica o sentido do outro termo – o antecedente. O primeiro elemento – chamado antecedente - é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado conseqüente – é o termo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

Segundo Ançã (1999:54), preposição estabelece uma relação entre dois termos, o antecedente e o conseqüente. O antecedente é o sentido do primeiro termo, o conseqüente a explicação do segundo.



2.2. Mobilidade na sintaxe

Nesta subsecção, em primeiro lugar, abordaremos a regência das preposições (nominal, verbal e adverbial), em seguida, debruçar-nos-emos sobre a regência dos complementos pela preposição e, por último, focaremos a questão da regência das orações.

2.2.1. Regência das preposições

Luft (2008:5) assegura que regência deriva de *reger*. Como este verbo significa “comandar, dirigir, governar, administrar”, é natural que regência signifique “comando, direcção, governo, administração”.

Luft ressalta ainda que, na nomenclatura gramatical, tem-se empregado o termo regência em sentido amplo e restrito. Em sentido amplo, *regência*⁴ equivale aproximadamente a “subordinação, em geral, subordinação sintáctica”. Nas frases e locuções (ou sintagmas), umas palavras subordinam (comandam, governam) outras. Em sentido restrito e mais habitual, o termo *regência* serve para designar a subordinação peculiar de certas estruturas a palavras que as requerem ou prevêem na sua significação ou em traços semânticos que as regem (i.e. “regem”), um complexo significativo – estruturas regidas “completam” com os núcleos regentes um todo semântico, motivo que se denomina “complementos”.

Cunha e Cintra (1999:552-553) sustentam que, em geral, as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo.

De acordo com estes autores, chama-se regência a relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra. A palavra dependente denomina-se *regida*, e o termo a que ela se subordina, *regente*. As relações de regência podem ser indicadas:

- a.* pela ordem por que se dispõem os termos na oração;

⁴ O itálico é nosso.

b. pelas preposições, cuja função é a de ligar as palavras estabelecendo entre elas um nexo de dependência;

c. pelas conjunções subordinativas, quando se trata de um período composto.

A regência é o movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro.

Nesta ordem de ideias, pode dizer-se que o verbo *gostar* exige a preposição *de*, todavia esta preposição não exige obrigatoriamente o verbo *gostar*. Portanto, o verbo é o termo regente e a preposição o termo regido.

2.2.2. Regência nominal, verbal e adverbial

Ao facto de o verbo reger complementos chama-se “regência verbal”; outros casos de palavras que regem complementos constituem o que se denomina “regência nominal”.

Regência verbal – complemento de verbo é o que se chama “complemento verbal” e a precisão deste verbo constitui a “regência verbal”. De forma análoga e paralela leva o nome de “complemento nominal” que é o complemento de palavras que não são verbos, e “regência nominal” o respectivo fenómeno semântico-sintáctico, ou seja, a exigência ou previsão de complementos por parte de tais palavras (cf. Luft 2008:5).

As palavras que melhor exprimem a relação de dependência são as preposições. Com grande frequência, encontramos *a*, *de*, *em*, *para* e *com* nas seguintes regências:

1. Nominal – quando exigida por um nome ou substantivo, adjectivo e advérbio.

A ligação do nome ao seu complemento faz-se através da preposição. A regência nominal estende-se aos nomes, adjectivos e até aos advérbios (cf. Pina 2001: 13).

Exemplos:

(16) a. “Desejo *de* vingança”;

b. “Doido *por* laranja”;

c. “Submissão *a* Deus”;

b. “Doido *por* laranja”;

d. “Habitado *a* mandar”.

Na língua Cabo-Verdiana, também a ligação do nome ao seu complemento faz-se mediante o uso da preposição, conforme ilustram os exemplos que se seguem (cf. Silva 1987).

(17) a. (...) abri porta *di* kasa (...)

Abrir porta *de* casa.

‘Abrir a porta *da* casa’

b. (...) panela *di* papa

panela *de* papa

‘A panela *de* papa’

(Silva 1987: 31/36)

2. Verbal – quando solicitada por um verbo.

A ligação do verbo com o seu complemento, ou seja, a regência verbal pode fazer-se directamente sem uma preposição intermédia, quando o complemento é objecto directo. Em português pode fazer-se indirectamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é objecto indirecto. Alguns verbos exigem que alguns dos seus complementos sejam grupos preposicionais cujo núcleo é uma preposição também ela escolhida pelo verbo (fenómeno a que se tem chamado "regência de preposições" pelos verbos) (cf. Cunha e Cintra 1999: 513-514).

(18) a. esquecer *de* comer;

b. concordar *com* você;

c. gostar *de* x, duvidar *de* alguém;

d. acreditar *em* ti, morar *em* Assomada.

Tal como na língua portuguesa, o uso de sintagmas preposicionais também se verifica no Cabo-Verdiano. Exemplos:

(19) a. kantu maridu sa ta benba *di* trabadju (...)

Quando marido vinha *de* trabalho

‘Quando o marido vinha *do* trabalho.’

b. Prokupado *ku* bu duénsa.

Preocupado *com* tua doença.

‘Preocupado *com* a tua doença.’

(Silva 1987: 27-36)

Na regência verbal, é importante frisar que o objecto indirecto só não vem preposicionado, quando é expresso pelos pronomes pessoais oblíquos *me, te, se, lhe, nos, vos* e *lhes*. Apenas as preposições que ligam os complementos a um verbo (objecto indirecto) ou a um nome (complemento nominal) estabelecem relações de regência (Cunha e Cintra 1999: 514).

3. Adverbial – quando requerida por um advérbio. A preposição serve também para ligar advérbios aos nomes.

(20) a. Através *de*...

b. Paralelamente *a*....

A língua Cabo-Verdiana recorre também às preposições para ligar os advérbios aos nomes como demonstram os exemplos que se seguem:

(21) a. “Dipos *di* festa kasamentu, es komesa ta fase bida normal.”

Depois *de* festa casamento eles começar a fazer vida normal.

‘Depois *da* festa de casamento (eles) começaram a fazer a vida normal.’

b. “Un dia, dipos *di* djanta (...)

Um dia depois *de* jantar.

‘Um dia depois *do* jantar.’

(Silva 1987: 27-41)

Por estas razões, há verbos que, pelo seu papel semântico, prevêem, exigem ou regem complementos. Há também nomes na mesma situação: substantivos, adjectivos, e advérbios que regem complementos. É o que se chama “regência nominal” (cf. Luft: 2008: 5-6).

Quando duas ou mais palavras têm o mesmo complemento, regido de preposição, é necessário que esta convenha a cada uma das palavras consideradas separadamente. Assim, não é correcto dizer-se: *Gosto e contento-me com o livro*, isto porque o verbo *gostar* exige a

preposição *de* e o verbo contentar-se a preposição *com*. Dir-se-á portanto: Gosto **do livro** e contento-me **com ele** (cf. Pina: 2001-13).

A mesma estrutura que ocorre em Português também se verifica no Cabo-Verdiano, isto é, existe uma estrutura verbal que exige como complemento um sintagma preposicional. São os casos dos verbos que seleccionam um sintagma preposicional. Tais como (*papia ku* ‘falar com’, *papia di* ‘falar de’, *gosta di* ‘gostar de’, *konta ku* ‘contar com’).

(22) a. Natural *di* Praia y residenti na mesmu sidadi.

Natural *de* Praia e residente na mesmo cidade.

‘Natural *da Praia* e residente *na mesma cidade*.’ (e não: natural e residente na Praia)

b. N ta konta *ku bu prisensa* y N ta agradezi *bu prisensa*.

Conto com tua presença e agradeço tua presença.

‘(Eu) conto *com a tua presença* e agradeço-a.’ (não: conto e agradeço a tua presença)

2.2.3. Regência dos complementos pelas preposições

As preposições simples também aparecem na regência de diversos complementos tais como: agente da passiva, complementos determinativos, complemento circunstancial, complemento directo, predicativo do sujeito, predicativo do complemento directo, entre outros.

1. Complemento determinativo

O complemento determinativo é constituído por um nome ou equivalente, o qual se liga a outro nome ou a um adjetivo por meio da preposição *de*. Este complemento pode estabelecer várias relações com o substantivo determinando a ideia de: origem, matéria, posse, fim, qualidade, parentesco, tempo, etc. (cf. Castro, Neves e Lopes 1998: 174).

(23) a. A casa *do* João.

b. O copo *de* plástico.

c. A mesa *de* vidro.

No Português Europeu, o uso da preposição *de* para expressar posse ou matéria é obrigatório, como ilustrado nos exemplos (19), respectivamente. A estrutura que exprime a relação entre a entidade possuída e a entidade possuidora e a de matéria, demonstrada também no exemplo (19) é construída com recurso à preposição, ficando a entidade possuída à esquerda da preposição e a possuidora à sua direita.

No Cabo-Verdiano, a preposição é também *di* ‘de’ e o seu uso é obrigatório. Vejam-se os exemplos em (20):

(24) a. (...) tokadores *di* tanboru (...)

Tocadores *de* tambor

‘Os tocadores *de* tambores’

b. (...) Kanéka di agu (...)

Caneca de água

‘A caneca de água’

(Silva 1987:33-35)

2. Complementos circunstanciais:

São os complementos que exprimem circunstâncias (tempo, modo, lugar, companhia, causa, meio, etc.) em que a acção é praticada. Não são necessários à frase, isto é, são facultativos contudo quando acrescentados à frase, enriquecê-la com mais informações (cf. Castro, Neves e Lopes 1998: 174).

O Português Europeu diferencia as circunstâncias de lugar e dispõe de diferentes preposições ou locuções prepositivas para as expressar. Serão aqui exemplificados algumas dessas circunstâncias de lugar:

(25) a. Estou *no* Brasil. (lugar onde)

b. Vou *para* o Brasil. (lugar para onde)

c. Saio *do* Brasil. (lugar por onde)

As preposições podem estabelecer diversas relações entre os termos que ligam: instrumento, companhia, causa, posse, etc.

(26) a. Limpou as unhas *com* o grampo. (relação de instrumento)

b. Estive *com* José. (relação de companhia)

c. A criança arrebatava *de* felicidade. (relação de causa)

d. O carro *de* Paulo é novo. (relação de posse)

A preposição *com* pode implicar sentidos contextuais distintos, por vezes, a alteração de sentido é quase nula. Os exemplos que se seguem ilustram isso:

(27) a. Concordar *em/com* fazer-se o contrato.

b. Eles lutaram *contra/com* o inimigo.

c. Fugiu *de/com* medo. Eles encheram o tanque *de/com* água.

No Cabo-Verdiano, a preposição locativa *na* abrange uma série de especificação locativa incluindo “lugar onde, em certas circunstâncias dependendo do significado do verbo. *N sta na kasa. ‘(Eu) estou em casa.’*

Assim como acontece em Português, no Cabo-Verdiano as preposições ligam palavras ou orações e estabelecem diversas relações entre elas, isto é, determinados sentidos que são definidos pelo contexto.

(28) a. Mudjer *ku* medo (...)

Mulher *com* medo

‘ A mulher *com* medo’ [compl. Circ. De modo]

b. Mudjer *ku* maridu trumunuza.

Mulher *com* marido ficou tremer.

‘ A mulher *com* o marido ficou a tremer.’ [compl. Circ. De companhia]

(Silva 1987:27)

3. Predicativo do sujeito

O predicativo do sujeito é a palavra ou expressão que estabelece uma relação de sentido com o sujeito, do qual indica uma característica. Esta relação de sentido é estabelecida através de um verbo copulativo (cf. Castro, Neves e Lopes 1998: 170).

(29) a. A aluna é tida *por* inteligente.

- b. O ministro é tido *por* competente.

Os verbos de ligação do português seleccionam um sintagma pós-verbal, cujo núcleo pode ser um adjectivo, um nome, uma preposição ou um advérbio:

- (30) a. O bebé *está* contente.

- b. O museu *fica* perto da estação.

(Duarte 2003:302)

De igual modo os verbos de ligação, na língua Cabo-Verdiana, incluem *bira* ‘tornar-se’ ‘transformar-se em’, *kontinua* ‘continuar’, *fika* ‘ficar’, *sta* ‘estar’, *era* ‘ser’ etc. Podem ser seguidos de sintagmas nominais, de sintagmas adjectivais ou de sintagmas preposicionais:

- (31) a. “Nhu Manel ta *fikaba* tristi.”

Senhor Manuel *ficava* triste.

‘O senhor Manuel *ficava* triste.’

- b. “Se nómi *era* Zé Manel (...)

Seu nome *era* José Manuel

‘O seu nome *era* José Manuel’

(Silva 1987: 56)

4. Agente da passiva

É o complemento que, na voz passiva com auxiliar, designa o ser que pratica a acção sofrida ou recebida pelo sujeito. Este complemento verbal – normalmente introduzido pela preposição *por* (ou *per*) e, algumas vezes, por *de* (cf. Cunha e Cintra 1999: 148).

- (32) a. A casa foi arrastada *pelo* vento.

- b. Sempre foi adorada *de* todos.

De acordo com Duarte (2003:522), as frases activas e passivas sintácticas relacionam-se de uma forma sistemática, que se pode descrever do seguinte modo: o constituinte com a relação gramatical de sujeito da passiva, tem, na activa correspondente, a relação gramatical de objecto directo; o constituinte introduzido pela preposição *por* na passiva, intitulada

sintagma por (a tradição gramatical denomina-o complemento agente da passiva), tem, na activa correspondente, a relação gramatical de sujeito; existe constância de papel temático entre sujeito da passiva e objecto directo da activa correspondente e entre sintagma *por* e sujeito da activa correspondente; ocorre na passiva uma forma de auxiliar *ser*, ausente da activa correspondente, seguida de uma forma participial; a forma participial presente na passiva concorda em género e número com o sujeito.

No Cabo-Verdiano, a preposição *pa* serve também para introduzir o agente da passiva. Este complemento pode, às vezes, também ser introduzido pela preposição *di*. O complemento agente da passiva nos exemplos destacados foi representado por *nome* e *pronome*.

(33) a. Barku foi rastadu *pa tenpestadi*.

Barco foi arrastado *pela* tempestade.

‘O barco foi arrastado *pela* tempestade.’

b. Mundu é konpostu *pa pobris y rikus*.

Mundo é composto *pelos* pobres e ricos.

‘O mundo é composto *pelos* pobres e ricos.’

5. Complemento Directo:

O objecto directo é o complemento de um verbo transitivo directo, ou seja o complemento que normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a acção verbal (cf. Cunha e Cintra 1999: 141).

O complemento directo também chamado objecto directo, representado por um signo léxico de natureza substantiva (substantivo ou pronome) não introduzida por preposição necessária.

O objecto directo é constituído, como sujeito, por expressão substantiva não marcado por um índice funcional (a preposição, neste), o complemento directo se distingue do sujeito por vir à direita do verbo (o sujeito vem normalmente à esquerda) e não influir na flexão deste (cf. Bechara 1999: 246).

(34) a. Ele chamou *por* um colega.

b. Deveis *de* saber a verdade.

No Cabo-Verdiano, a estrutura é paralela à do português. Os sintagmas nominais objecto seguem os verbos na mesma ordem, entretanto na língua cabo-verdiana não existe a preposição *a* que introduz o objecto indirecto. No referido idioma, os verbos ditransitivos subcategorizam dois objectos: O1 [+humano] e O2 [– humano] ou [+objecto].

(35) (...) E razolve skrebe si kumpadri karta na Lisboa.

Ele resolveu escrever seu compadre em Lisboa.

‘Ele resolveu escrever uma carta ao seu compadre em Lisboa.’

(Silva 1987: 56)

6. Predicativo do complemento directo:

Tanto o objecto directo como o indirecto podem ser modificados por predicativo. O predicativo do objecto só aparece no predicado verbo-nominal, e pode ser expresso por substantivo ou adjetivo. O predicativo do objecto pode vir antecedido de preposição, ou de conectivo *como* (cf. Cunha e Cintra 1999: 147).

(36) Eu tomei-o *por sério*.

2.2.4. Regência das orações

É muito frequente as preposições *de*, *em*, *para* e *com* (ou quando expressas em locuções) introduzirem orações, indicando a relação de dependência que os liga às respectivas subordinantes. Isso verifica-se sobretudo com orações infinitivas adverbiais (cf. Pina 2001:13).

(37) a. Antes *de saíres* quero falar contigo.

b. Chegou a hora *de dares tudo por tudo*.

Numa estrutura análoga, o Cabo-Verdiano admite também o uso da preposição para introduzir orações estabelecendo conexão que as une às orações principais.

(38) Apesar *di* e sta doenti, é ka kre falta ola.

Apesar *de* ele estar doente, ele não quer faltar aulas.

‘Apesar *de* estar doente, ele não quer faltar as aulas.’

Mas também, outros tipos de orações como as subordinadas relativas, as interrogativas (quer directas quer indirectas) e as integrantes se apresentam, fundamentalmente por vezes precedidas das preposições.

1. Orações integrantes

As orações integrantes ou completivas são também designadas substantivas pelo facto de exercerem funções equivalentes às dos substantivos ou nomes. Estas orações são normalmente introduzidas pela conjunção subordinativa integrante *que* ou *se* (cf. Castro, Neves e Lopes 1998: 183).

(39) *Eu disse-o que já saíres.*

Para o Cabo-Verdiano, segundo Pereira (2005), nestes tipos de construções, regista-se a ocorrência de duas conjunções integrantes: *ma* e *pa*. *Ma* usa-se depois de verbos que expressam a ideia de afirmação ou de avaliação mental, como *fla* “dizer”, *pensa* “pensar” ou *lenbra* “lembrar”. Exemplos: *E fla ma Djon dja txiga kaza*. (‘Ele disse que o João já chegou a casa.’)

A preposição *pa*, por sua vez, introduz complementos de verbos que expressem a ideia de ordem ou de desejo, como *manda* “mandar” ou *pidi* “pedir”. *Es pidi-m pa N ba konta un stória*. (‘Eles pediram-me que eu fosse contar uma história’).

2. Orações Interrogativas Indirectas:

Brito, Duarte e Matos (2003: 461) atestam que consoante o foco da interrogação sobre toda a frase ou sobre parte dela, as interrogativas podem ser totais ou parciais. Nas interrogativas totais, a questão é marcada pela entoação ascendente, no final da frase. Do ponto de vista sintáctico, uma interrogativa total pode não apresentar qualquer modificação em relação à declarativa correspondente, apenas distinguindo-se pela entoação. É o que se propõe também para as estruturas interrogativas no Cabo-Verdiano.

A interrogação indirecta faz-se por meio de um período composto, em que a pergunta está contida numa oração subordinada de entoação descendente (cf. Cunha e Cintra 1999: 173).

(40) a. Diz-me dentro de que pasta está o livro.

b. Diga-me como soube disso.

Para o Cabo-Verdiano:

(41) a N pergunta-l módi ki bu txoma.

Eu perguntei-lhe como é que te chama.

‘(Eu) perguntei-lhe como é que te chamas.’

b. Fla-m ken ki N debe intrega livru.

Diz-me quem devo entregar livro.

‘Diz-me a quem devo entregar o livro.’

3. Orações interrogativas directas:

A interrogação directa pode ser expressa ou por meio de uma oração em que a parte final apresenta entoação ascendente, ou por uma oração iniciada por pronome ou advérbio interrogativo, em que a parte final apresenta entoação descendente (cf. Cunha e Cintra 1999: 172:173).

(42) Como soube disso?

No Cabo-Verdiano, as interrogativas directas parecem ocorrer da mesma forma que ocorrem na estrutura do português:

(43) *Pa undi bu sa ta bai ku el?*

Para onde tu vais com ele ?

‘ Para onde vais com ele?’

2.3 - Particularidades do emprego de algumas preposições no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago

A respeito das preposições no Cabo-Verdiano, Cardoso (1989:34) afirma que elas são empregadas de acordo com a ideia que se quer transmitir. Por exemplo, emprega-se a

preposição *pa* nos seguintes casos: Barlavento: «*El/Al ba pa kaza*» (representa a ideia de ir para ficar).

(44) Em Santiago: *E/El bai pa kaza*.

Ele foi para casa.

‘*Ele foi para a casa.*’

Cardoso salienta ainda que a preposição *pa* possui algumas variantes, mas que se empregam apenas quando ela entra em locuções: *pur, par, pu*. Conclui que *pa* é o que resta da evolução da preposição portuguesa *por* (resultante de *per*). A preposição *na* representa a ideia de permanência num determinado local. Barlavento: «*N ta na kaza*.» (o local onde se está).

(45) Em Santiago: *N sta na kaza*.

‘*(Eu) estou em casa.*’

Segundo Cardoso (op. cit.), no Barlavento, a frase “*N bá montód na bur.*” (St. “*N bai muntadu na buru.*”) (Português “*Eu fui montado no burro.*”), a preposição *na* além de representar a ideia de permanência, indica também o meio de transporte utilizado.

A preposição *di* emprega-se nos seguintes casos: Barl. «*N bá d kor.*» Meio utilizado: equivale a: «*N bá na kor.*» (St. *N ba/bai na karu.*) (Português ‘*Eu fui de carro.*’)

(46) «*No bá d bisikléta.*»

St. *Nu bai di bisikileta.*

Port. ‘*(Nós) fomos de bicicleta.*’

(47) «*El ben d navi.*»

St. *E ben di naviu.*

Port. ‘*Ele veio de navio.*’

A preposição *ma* traduz a ideia de companhia: «*N ti tá ma el.*» St. *N ta bai ku el.* ‘*Eu vou com ele.*’

Na perspectiva de Cardoso (2005:7), na língua Cabo-Verdiana, a preposição *a* não existe, pois não se realizam contracções desta preposição. Pode-se verificar através do exemplo:

- (48) N bai /ba kasa *di* Maria.
 ‘(Eu) fui à casa *da* Maria.’

O que se pode verificar é que na língua Cabo-Verdiana não existem artigos definidos. Eis alguns exemplos que ilustram isso:

- (49) Djuzé ka da masan (...)
 José não deu maçã
 ‘O José não deu a maçã.’
 (Cardoso 2005:10)

1. A preposição *a*

Pode-se usar a preposição *a* em numerosos contextos. Por exemplo, com o verbo *chegar*, diz-se no Português Europeu: *chegou a escola*. Porém o mesmo não se verifica em Cabo-Verdiano, visto que há alguns verbos que não regem a preposição. Cabo-verdiano: (*‘Txiga na skola’*). Muitas vezes nos contextos onde o Português Europeu emprega a preposição *a* o Cabo-Verdiano usa a preposição *na*:

- (50) *Na bera kasa* (“à beira casa”) (cf. Ançã 1999:58).

Mudjer da kósta, ómi labánta na kume banana. (‘A Mulher saiu, o homem começou a comer bananas.’) (cf. Lang 2000:6).

Há uma discrepância relativamente ao emprego da preposição *na* no Cabo-Verdiano e no Português Europeu. Usa-se a referida preposição em português para se exprimir o lugar em que se está, por exemplo: *estar à mesa, à janela, à frente de*, etc. em todos esses exemplos o Cabo-Verdiano substitui o *a* por *na*: *sta na meza, na janela, na frenti di*, etc.

Na opinião de Ançã (1999:61), a preposição contraída *à* expressa horas, dias de semana, parte do dia e da noite (excepto manhã de manhã) exemplo: *às 7 horas, aos sábados, ao entardecer, ao almoço, à sombra, ao sol, à janela, ao portão*, etc.

Contrariamente àquilo que acontece em Português, o Cabo-Verdiano, em expressões temporais, usa a preposição *di* ('*de*') em vez da preposição *a*.

(51) *Onti di noti.*

Ontem de noite.

'Ontem à noite'

b. *Di noti N ka ta sai.*

De noite eu não saio.

'À noite (eu) não saio.'

Emprega-se ainda a preposição contraída *à* em Português para dizer as horas: *às cinco horas, às dez horas* etc., no Cabo-Verdiano diz-se somente: *sinku ora, dez óra* etc. Para além das horas, com os números dos dias, meses e os nomes dos dias da semana, quando se trata de algo que costuma suceder não se usa no Cabo-Verdiano a preposição *a* contrariamente àquilo que acontece em português. Vejam-se os exemplos: português: *À uma hora da tarde; A treze de Setembro de 2008 ele chegou na Praia.* No Cabo-Verdiano: *(Uma ora di tardi); (Treize di Sitenbru di 2009 e txiga na Praia.)*

Segundo Ançã (1999), a preposição *a* não tem correspondência directa na língua Cabo-Verdiana. Realça que a referida preposição introduz a maior parte dos complementos indirectos em português, contrariamente à língua Cabo-Verdiana, na qual o objecto indirecto, em geral, não é introduzido por preposição. Vejam-se os exemplos (52) e (53).

(52) *E kumpra si fidju un livru.*

Ele comprou seu filho um livro.

'Ele comprou um livro ao filho.'

(53) *Djon ta bai Patlô.*

'O João vai ao Plateau.'

(Ançã 1999: 60)

Em Cabo-Verdiano, de acordo com Pina (2006), nestes tipos de construções, o verbo exige geralmente dois objectos – o *O*₁ [+humano] (o primeiro), e *O*₂ [-humano] e, como

acontece em Inglês, não ocorre nenhuma preposição para atribuir, no referido contexto, o caso *dativo*, i.e., a preposição é também absorvida no verbo e o objecto [+humano] eleva-se para o núcleo verbal, como também acontece em inglês. Vide: *John sent Mary a letter*.

Por outro lado, Pereira (2005) adverte que, em Cabo-Verdiano, o nome tende a ocorrer sozinho sempre que se pressupõe que o seu referente é conhecido do interlocutor. Embora a tendência seja para não haver determinante expresso, este pode ocorrer sob a forma de um artigo definido (*kel/kes*):

(54) *N odja un omi bedju na pilurinh. Kel omi tenba si kanhotu na si mo.*

Eu vi um homem velho no mercado. O homem tinha seu cachimbo na sua mão.

‘Eu vi um homem velho no mercado. O homem tinha o seu cachimbo na mão.’

Pereira (op. cit.) salienta que no diz respeito aos complementos do verbo é importante referir que nos verbos ditransitivos, ou seja, verbos que seleccionam um objecto directo e um objecto indirecto, a ordem em Português é: Verbo – Objecto Directo – Objecto Indirecto: (58) ‘Dei um brinquedo à Maria/ Dei à Maria um brinquedo.

No Cabo-Verdiano, no entanto o objecto indirecto (a que chamámos objecto 1) não é introduzido por preposição. Num enunciado com objecto directo e objecto indirecto é a ordem por que aparecem que permite distingui-los e a ordem fixa é: Verbo – Objecto Indirecto - Objecto Directo (a que chamámos Objecto 2):

(55) *N da Maria un brinkedu.*

‘(Eu) dei um brinquedo à Maria’ (cf. Pereira: 2005)

A propósito desta situação, Silva (1957), citado por Oliveira (2005:6-7) refere que no crioulo de Cabo Verde a ordem dos constituintes sentenciais é invariavelmente Suj. +V+OI+OD. O objecto indirecto não é encabeçado por preposição. A relação entre verbo e objecto indirecto se faz pela adjacência estrita desses elementos. A construção com objecto duplo é atestada no crioulo Cabo-Verdiano: *Juau da kabole água (João deu ao cavalo água)*. A ordem é rígida: meta + objecto afectado. No exemplo acima o objecto é meta.

Em suma, pode dizer-se que no Cabo-Verdiano não se usa a preposição para marcar a o caso dativo na frase, isto é, o complemento indirecto não é regido pela preposição, mesmo nos casos em que no Português Europeu o uso da preposição é obrigatório.

A este propósito, Pina (2006) faz alusão a este assunto referindo os verbos ditransitivos ou de duplo objecto em Cabo-Verdiano, vejam-se os exemplos em⁵:

(56) a. *N da mininu un dropis.*

Eu dei menino um rebuçado.

‘(Eu) dei ao menino um rebuçado.’

b. **N da un dropis a / pa mininu.*

Eu dei um rebuçado a / para menino

c. *N mostra Taís un brinkedu bunitu.*

Eu mostrei Tais um brinquedo bonito

‘(Eu) mostrei à Taís um brinquedo bonito.’

(Exemplos retirados de Pina 2006:55-56)

De acordo com Pina (op. cit.), os exemplos acima sugerem que os verbos ditransitivos em Cabo-Verdiano são verbos de três lugares que seleccionam um argumento externo com a função sintáctica de *Sujeito*, um argumento interno – um alvo com uma marca [+humano] e um argumento interno – um objecto com uma marca [-humano]. Note-se que o único esquema relacional aceite é (S - V - O₁ [+humano] - O₂ [-humano]) e nunca (S - V - O₁ [-humano] - O₂ [+humano]) (cf. a agramaticalidade referida em (56b) (cf. Pina 2006:55).

Pina (op. cit.) salienta que, neste contexto, Baptista (1997) propõe como único padrão de ordem de palavras possível nas construções de duplo objecto em Cabo-Verdiano o esquema relacional: S-V-OI-OD e nunca S-V-OD-OI. Afirma que não faz sentido considerar que existem verbos transitivos indirectos e directos em Cabo-Verdiano. Pois, o que ocorre nesta língua, nestes tipos de construções, é uma subcategorização de um O₁ [+humano] e de um O₂ [-humano] pelo verbo (um padrão sintáctico que não pode ser alterado). Realça ainda que, em Cabo-Verdiano, como se verifica em (56), as construções com duplo objecto não contemplam a ocorrência de preposições para seleccionar o objecto indirecto como acontece em Português Europeu. Compare-se, por exemplo, a frase em (56a) com a correspondente portuguesa, ou então confronte-se (56c) com a agramaticalidade ilustrada em (56b): (cf. Pina 2006: 56).

⁵ Assim como os verbos descritos em (34), podem ocorrer ainda: *fla* ‘dizer’, *oferese* ‘oferecer’, *bende* ‘vender’ *paga* ‘pagar’, *prizenta* ‘apresentar’, etc. (cf. Pina: 2006)

(57) a. *N da rapazinh u xukulati.*

Eu dei rapazinho um chocolate.

‘(Eu) dei ao rapazinho um chocolate’.

b)* *N da un xukulati rapazinh u.*

Eu dei um chocolate rapazinho.

‘(Eu) dei um chocolate ao rapazinho’.

Em Port. (58) *Eu dei ao rapazinho um chocolate.*

(59) *Eu dei um chocolate ao rapazinho.*

Note-se portanto que, contrariamente ao Português Europeu, (cf. (58) e (59)) em que tanto o padrão V-OD-OI, como V-OI-OD são possíveis, em Cabo-Verdiano, o único padrão possível é o de ‘*dar alguém alguma coisa*’ (V- O₁ [+humano] - O₂ [-humano]) – razão fundamental que justifica a agramaticalidade da construção em (57b) (cf. Pina 2006:56).

2. A preposição *com*

A preposição *com* exprime, fundamentalmente, a ideia de associação, companhia (cf. Cunha e Cintra: 1999:555). A referida preposição marca ainda a adição, simultaneidade em certos contextos pode exprimir as noções de causa, meio, modo de uma situação.

(60) O João estudou *com* entusiasmo. (modo)

Concordo *com* você. (Associação)

O Paulo vive *com* a família. (Companhia)

Na língua Cabo-Verdiana e na variante de Santiago a preposição *ku* que corresponde a *com* em português exprime várias circunstâncias tais como:

(61) a. *Aji ku korason.*

‘Agiu com o coração.’ (Modo)

b. *Skrebe ku tudu dedu.*

‘Escreve com todos os dedos.’ (Meio)

c. *Skrebe ku kaneta.*

‘Escreve com a caneta.’ (Instrumento)

3. A preposição *de*

A preposição *de* expressa partes do dia e da noite exemplificando: *de frente, de lado, de perto, de costas, de dia, de tarde, de madrugada, de noitinha*, etc. (cf. Ançã 1999: 61).

A preposição *de* indica a circunstância de lugar donde, origem, ponto de partida dum movimento ou extensão (no tempo e no espaço), a pessoa ou coisa de que outra provem ou depende, o agente da passiva, a matéria, o meio, o instrumento, o modo, etc. (cf. Bechara 1999:312-313).

A origem ou a proveniência: *Sou de Coimbra.*

O ponto de partida, no tempo ou no espaço: *Ele partiu da Praia.*

A causa: *Morreu de solidão.*

O termo da relação: *Doente dos olhos.*

Para Oliveira (2005), contrariamente ao objecto indirecto, o complemento dos verbos de movimento no Crioulo de Cabo Verde é introduzido por preposição. Há uma alternância entre a preposição *em* e a preposição *para*, que se resolve em termos do traço [+ permanente] marcado na preposição *para* e ausente na preposição *em*. A preposição *a*, segundo Oliveira (op.cit.) ela não é atestada nesse contexto. Como se pode ver através dos exemplos:

(62) *M tâ bá na káza* (Vou à casa)

Êl bá pã káza (*Ele foi para casa*)

A mesma autora considera ainda que o Cabo-Verdiano – Variante de Santiago opta pela forma não-marcada no contexto de objecto indirecto. Quanto ao contexto de verbo de movimento, surgem construções marcadas. O elemento *na* parece ser resultado de fusão do substrato com a língua lexificadora (preposição *em* + artigo definido *a*); o elemento *pa* é da língua lexificadora (*para*) (cf. Oliveira 2005: 8-9).

4. A preposição *em*

Segundo Ançã (1999:58-61) na língua Cabo-Verdiana faz-se a contracção de preposição o que na língua portuguesa não é necessário. Exemplos: *na África, no lugar público, no Janeiro*, etc. Ançã (op. cit.) frisa ainda que a preposição *em*: expressa meses (nunca em

contracção), estações do ano (sempre com contracção) ex. *em Luanda, na Praia, no mercado, em casa, em Janeiro, no dia 4, no fim do mês, no Verão.*

De notar que o Português Europeu emprega muitas vezes a preposição *em*, em contextos em que o Cabo-Verdiano usa a preposição *pa* (que corresponde ao português para).

Dir-se-á portanto:

(63) Port. *Ele pediu-a em casamento.*

Crioulo: *E pedi-l pa kazamentu.*

Algumas preposições no Cabo-Verdiano entram na construção das diversas locuções como por exemplo na construção morfológica de formas perifrásticas: *N ten di kume. (Eu) tenho de comer.*

Adjectivas: *ku juiz (com juízo), kaza kor di rosa (casa cor de rosa), etc.*

Substantivas: *kon di guarda (cão de guarda), omi di Deus (homem de Deus), etc.*

Adverbiais: *ku serteza (com certeza), pa di máz. (por de mais).*

Prepositivas: *a fin di (a fim de), pa amor di (por amor de), dés ki (desde que), etc.*

A preposição integra ainda a **sintaxe de verbos prepositivos**: *N gosta di katxupa. (Eu gosto de cachupa), E sta di féria (Ele está de féria).*

Substantivos: *amor pa liberdadi (amor para liberdade), amor pa bo (amor por ti).*

Adjectivos: *fasil di intendi (fácil de entender), konplikado pa intendi (complicado para entender), etc.*

Numerais: *sinku dês (cinco deles), primeru di nos (primeiro de nós)*

CAPÍTULO 3

Aspectos do uso das preposições fundamentais no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago

3.0. Nota prévia

Este capítulo visa, no seu objectivo mais essencial, estabelecer uma análise comparativa dos aspectos do uso das preposições fundamentais no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago. Nesta reflexão, procuraremos enquadrar alguns aspectos que julgamos ser de particular pertinência tais como: comparação do valor e do uso das preposições nas duas línguas a partir de levantamento de corpus; identificação dos aspectos semelhantes e divergentes quanto à funcionalidade das preposições, bem como fazer a análise comparativa das estruturas sintácticas das diversas classes gramaticais que as preposições têm na sua regência nas duas línguas.

Tomamos como ponto de partida o uso da preposição no Cabo-Verdiano, analisamos e comparamos com o Português Europeu. A comparação entre eles justifica-se, por um lado, pela presença de alguns elementos comuns de caracterização sócio-histórica e, por outro lado, pelos aspectos divergentes como a estrutura e evolução que cada uma destas línguas teve ao longo da sua própria história.

3.1. Comparação do valor e do uso das preposições nas duas línguas a partir de levantamento de corpus.

Nesta secção, apresentar-se-ão as relações de paridade ou de divergência existentes entre o Português Europeu e o Cabo-Verdiano. Todos os exemplos na língua Cabo-Verdiana referidos neste capítulo foram extraídos das obras literárias em crioulo: *Na Bóka Noti* de Tomé Varela da Silva (1987) e *Lagoa Gémea*, de Spínola (2004) com o intuito de confirmar as nossas introspecções enquanto falante nativo.

3.1.1. Valores sintáctico-semânticos de algumas preposições no Português Europeu

A preposição **por** no entender de Brito (2003:397) introduz o papel temático de Agente, Instrumento ou Causa. Por exemplo:

- (64) a. “A destruição da cidade *pelo* exército.”
 b. “A cidade foi destruída *pelo* exército.”

Ou ainda:

Localização espacial (percurso ou situação):

- (65) a. “Vais *por* esta rua e logo encontras o teatro.”
 b. “*Pela* Faculdade ia uma grande confusão.”

Localização temporal (percurso ou situação):

- (66) a. “Daqui *por* um mês estarei em Moçambique.”
 b. “Lá *pelo* mês de Agosto sairemos.”

A referida preposição exprime ainda Razão, Motivo e Meio:

- (67) a. “*Por* ela sou capaz de tudo.”
 b. “Avistei-a *pelos* vidros da janela.” (cf. Brito 2003: 397)

Cunha e Cintra (1999), por sua vez, ressalta que a preposição **para** indica movimento, ou seja, tendência para um limite, finalidade, direcção, perspectiva. Distingue de *a* por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância de ideia de direcção sobre a do término do movimento:

- **no espaço:** “Agora não lhe interessa ir *para* o Huambo.”
 (Castro Soromenho, TN, 200)
 - **no tempo:** “Caindo o sol a costureira dobrou a costura *para* o dia seguinte.”
 (Machado de Assís, OC, II, 538)
 - **na noção:** “Cala-se *para* não mentir.”
 (Augusto Abelaira, BI, 95)
- (Cf. Cunha e Cintra 1999: 567- 568)

3.1.2 Algumas particularidades do uso das preposições no Cabo-Verdiano -Variante de Santiago.

Segundo Lang (2002:545), a preposição *pa* (*para*) não só se emprega para exprimir as noções espaciais, temporais mas também em outros variantes antes de vogal: p' [p], *prá para*, *por*, *a*, etc. *pa diánti/trás/báxu/riba/dentu/fóra di*.

Empregos espaciais:

(68) a. (...) mudjer rabida *pa* maridu (...) (28/25)

mulher virou *para* marido

‘A mulher virou-se *para* o marido’

c. Nhu Lion dixi kabésa *pa* báxu. (126-13)

Senhor Leão desceu cabeça *para* baixo

‘O senhor Leão desceu a cabeça *para* baixo.’

Empregos temporais:

(69) a. E pánha si txapeu, e perde na ténpu, *pa* dia di oxi. (55-30)

Ele apanhou seu chapéu, e perdeu no tempo, *para* dia de hoje.

‘Ele apanhou o seu chapéu, e perdeu-se no tempo, até o dia de hoje.’

b. Djonzinhu ta pasába palmanhan *pa* noti ta kóre rubera (...) (56-5)

Joãozinho passava de manhã *para* noite a correr ribeira.

‘O Joãozinho passava de manhã à noite a correr pela ribeira.’

Outros empregos:

(70) a. Kántu <dinheru> nhu ta pidi *pa* el [boi]? (125-26)

Quanto dinheiro senhor pede *por* ele (boi)?

‘Quanto dinheiro o senhor pede *por* ele?’

c. (...) e ta dába *pa* spértu (56-3)

Ele dava *por* esperto.

‘(Ele) armava-se em esperto.’

Pode verificar-se através dos exemplos, que se seguem que na língua Cabo-Verdiana a preposição *pa* (*para*) designa também termo de movimento, direcção para um lugar com a ideia acessória de demora ou destino e fim:

(71) “Abiliu bai pa káza *ku* medo (...) (22-36)

Abílio foi para casa *com* medo

‘Abílio foi para a casa *com* medo’

Fim:

(72) a. “És razolvi nton faze un mal-fetu *pa* kába ku el.”

Eles resolveram então fazer um mal feito *para* acabar com ele

‘Eles resolveram então fazer um feitiço *para* acabar com ele.’

Na língua Cabo-Verdiana, as preposições *por* e *para* realizam-se da mesma forma «*pa*». A preposição *por* fica sem a possibilidade de contracção (cf. Cardoso 2005:7). Exemplos:

(73) *El bai pa kasa.* (*Ele foi para casa.*)

El ka bai pa la. (*Ele não foi por ali.*)

‘*El pasa pa jardin.*’ (*Ele passou pelo jardim.*)⁶

(74) (...) é razolve grita *pa* sokoru.”

Ele resolveu gritar *por* socorro.

‘(Ele) resolveu gritar *por* socorro.’

(Silva 1987: 52)

Além dos vários sentidos das preposições, Sousa da Silveira (1951) destaca os empregos sintácticos como o de elo de um substantivo a outro ou de certos verbos (*ser*, *estar*, *parecer* etc.) a substantivos para caracterização, definição e descrição. Segundo Câmara Júnior (1975: 179-180), a preposição *para* marcava, inicialmente, “um percurso com direcção definida”, passando, em português, a marcar a noção de chegada e permanência – *ir para Paris* – opondo-se a preposição *a*, com o significado geral de direcção – *ir a Paris*. Bechara

⁶ Exemplos extraídos de Cardoso (op. cit.2005)

(1999: 317) a preposição *para* indica direcção com a ideia acessória de demora ou destino – *Foi para Europa*. Já Cunha (2001), destaca a predominância da ideia de direcção enquanto em *a* predomina a ideia de término do movimento. Na opinião de Thomé (2008) a preposição *para* pode manifestar conteúdos semânticos que variam entre direcção, destino, finalidade e benefactividade, podendo ser resumidos pela noção de alvo. *Para* tende a apresentar conteúdo semântico mais difuso quando introduz complementos de determinados verbos do que quando introduz adjunto adnominal.

Em suma, ao contrário daquilo que se constata em Português, no Cabo-Verdiano a preposição *para* e *por*, realizam-se da mesma forma «*pa*». É importante frisar ainda que a preposição *pa* (*para*) do mesmo modo que se averigua em Português, no Cabo-Verdiano, a referida preposição exprime movimento, direcção e fim.

Para Cunha e Cintra (1999:562) *com* exprime adição, associação, companhia, simultaneidade, pode exprimir, em certos contextos, as noções de modo, meio, causa, concessão.

De acordo com Brito (*Ibidem*), a preposição **com** exprime a companhia (comitativo); com este valor, esta preposição afecta a interpretação do predicado verbal, uma vez que as frases podem ser parafraseadas por coordenação e por construções que exprimem reciprocidade.

(75) a. “Eu dancei *com* a Maria.”

b. “A Maria dançou *comigo*.”

c. “Eu e a Maria dançamos juntos.”

- **A preposição ainda exprime Maneira:** “Falámos *com* grande naturalidade.”
- **Exprime causa, razão:** “*Com* o temporal as aulas não puderam começar.”
- **Preposição com valor de instrumento:** “A Maria gosta de fazer a massa *com* as mãos.”

Brito (op. cit.) realça que um dos valores mais interessantes da preposição *com* é na chamada “alternância locativa”, em que ao lado de uma construção locativa, existe uma outra sem sentido locativo e que é difícil de determinar o valor de *com* dentro de uma tipologia de relações temáticas.

(76) a. “O camponês carregou feno no tractor.”

- b. “O camponês carregou o tractor *com* feno.” (tema? Matéria?)

(Cf. Brito 2003 : 397-398)

Lang (2002:372) postula que a preposição **ku** [ku] é usada com empregos espaciais, temporais e outro, como por exemplo: enumerativo:

- (77) a. Éra un bes un ómi *ku* si mudjer (27/1)

Era um vez um homem *com* sua mulher.

‘Era uma vez um homem e a sua mulher.’

- b. (...) nha kumida *ku* di porku tenba poku diferénsa (49-27)

Minha comida *com* de porco tinha pouca diferença.

‘A minha comida *com* a de porco pouca diferença tinha.’

Empregos espaciais:

- (78) a. Mi ê tamánu pa N po-bu riba d'ónbru pa N kóre *ku* bo! (67-10)

Eu sou tamanho para eu por ti cima de ombro para eu correr contigo.

‘(Eu) sou demasiado grande para te colocar em cima do ombro e correr.’

- b. Iáni volta *ku* si manduku y si punhal. (48-24)

Iani voltou *com* seu manduco e seu punhal.

‘Iani voltou *com* o seu manduco e o seu punhal.’

Empregos temporais:

- (79) Ê pur kázu d'es kontisimentu li (lênda?), ki kel subidóna pása ta txomádu, *ku* ténpu,

É por causa desse acontecimento (lenda), que aquela subida passou a ser chamada, com tempo

Gomisiánu. (48-31)

Gomesiano.

‘É por causa desse acontecimento (lenda), que aquela subida grande passou a ser chamada, *com* o tempo de Gomesiano.’

Outros empregos:

- (80) a. Mudjer xinta si diánti ta djobe-l *ku* gustu. (45-19)

Mulher sentou na sua frente a vê-lo *com* gosto.

‘A mulher sentou-se na sua frente a vê-lo *com* gosto.’

b. Pása ténpu, mudjer ki dja stába más ki borisedu ku kel situason (...) (51-10)

Passou tempo, mulher que já estava mais que aborrecida *com* aquela situação.

‘O tempo passou, a mulher que já estava mais que aborrecida *com* aquela situação.’

Os exemplos que se seguem ilustram que do mesmo modo que acontece em Português Europeu, no Cabo-Verdiano, a preposição *ku (com)* denota adição, modo, companhia, instrumento, entre outros.

Adição:

(81) És stába ki nen Adon *ku* Eva. (52)

Eles estavam que nem Adão *com* Eva.

‘(Eles) estavam que nem Adão *com* Eva.’

Modo:

(82) Abiliu stába *ku* korpu ta tremer. (22)

Abílio estava *com* corpo a tremer.

‘Abílio estava *com* o corpo a tremer.’

Companhia:

(83) E ta viveba *ku* se pai (...) (39)

Ele vivia *com* seu pai

‘(Ele) vivia *com* o seu pai’

Preposição com valor de instrumento:

(84) Txeu algen ta baba *ku* lanterna na mon. (77)

Muitas pessoas iam *com* lanterna na mão.

‘Muitas pessoas iam *com* a lanterna na mão.’

Conclui-se que há uma certa semelhança no uso das preposições tanto no Português Europeu como também no Cabo-Verdiano, variante de Santiago, na medida em que em ambas

as línguas, a preposição *com* é utilizada nos empregos espaciais, temporais e ainda ela exprime adição, modo, companhia, instrumento, entre outros.

No entender de Brito a preposição *de* exprime tempo, introduz os complementos não frásicos de nomes, adjectivos e de verbos; participante ainda de certas ‘perífrases verbais’, e as completivas regidas por certos verbos preposicionados.

- **De** : preposição locativa (fonte ou origem)
- **De**: preposição temporal: O rapaz partiu *de* tarde.
- **De**: preposição introdutora de complementos não frásicos de nomes, de adjectivos e de verbos (com valor de tema, objecto): a imagem *do* Douro, a destruição *da* cidade, a oferta *do* livro, orgulhoso *dos* filhos, falar *de* política, gostar *de* cinema.
Ou com outros valores temáticos, que podem de ser de Posse (alienável, inalienável), de Agente, de Matéria: a perna *da* mesa, o braço *da* Ana, o pai *da* Ana, a mesa *de* vidro, etc.
- **De**: preposição introdutora de certos complementos verbais significando razão, causa: Eles choraram *de* dor.
- **De**: preposição participante de certas “perífrases verbais”, resultado de reanálise.
Eu tenho *de/que* ir a Lisboa.
- Completivas regidas por certos verbos preposicionados, assim como de nomes e de adjectivos: Preciso *de* ir a Lisboa. Esqueci-me *de* fazer os trabalhos (cf. Brito 2003: 396-397).

De acordo com Lang (2002:116), usa-se a preposição *di* [de] com empregos espaciais, temporais, gramaticais e outros, variantes antes de vogal: *d'* (*N gosta d'el*), variante que introduz um elemento da oração que começa com uma consoante e que segue a outro que não seja o verbo e termine em vogal: *-l (kántu-l kása, dentu-l kása, karegádu-l banána)*.

Empregos espaciais:

(85) a. Pasádu uns sumána, livru ben *di* Lisboa urjenti (..) (56-29)

Passado uns semanas, livro veio *de* Lisboa urgente.

‘Passado umas semanas, o livro veio *de* Lisboa urgente.’

b. (...) e ta bába si órta ki ta fikába un poku lonji *di* kása. (35-4)

Ele ia sua horta que ficava um pouco longe *de* casa.

‘(Ele) ia a sua horta que ficava um pouco longe *de* casa.’

Empregos temporais:

(86) a. (...) *di* la un bokadinhu ben un bentinhu frésku ki pága kandiâ. (43-29)

De lá um bocadinho veio um ventinho fresco que apagou candeeiro.

‘*Dali a* um bocadinho veio um ventinho fresco que apagou o candeeiro.’

b. (...) el káza di dizanóvi ánu *di* idádi. (54-11)

Ele casou de dezanove ano *de* idade.

‘(Ele) casou-se com dezanove anos *de* idade.’

Outros empregos:

(87) a. Mudjer sai *di* kabésa(...) (33-16)

Mulher saiu *de* cabeça.

‘A mulher zangou-se.’

Empregos gramaticais por exemplo na regência de verbos e expressões verbais:

(88) a. Bon, N ka kre pensa mal *di* mudjer di nho (...) (35-27)

Bom, eu não quero pensar mal *de* sua mulher

‘Bom, (eu) não quero pensar mal *da* sua mulher.’

b. ramédi, maridu ka ta faseba kázu (30-3)

Remédio, marido não fazia caso

‘Do remédio, o marido não fazia caso.’

Nos comparativos de superioridade e de inferioridade:

(89) Es kása li ê mutu más áltu (*di*) ki kel la (Regionalismo de Santiago)

Esta casa aqui é muito mais alta (*de*) que aquela ali.

‘Esta casa aqui é muito mais alta (*do*) que aquela.’

De (algen/algum kusa) fase algum kusa (de alguém/ alguma coisa) fazer alguma coisa:

(90) E pensa ma si maridu tenba maniâ *di* ka dexe kumida resta. (45-6)

Ela pensou que seu marido tinha mania *de* não deixar comida sobrar.

‘Ela pensou que o seu marido tinha a mania *de* não a deixar sobrar.’

De + adjectivo:

(91) (...) txoma-m nha maridu *di* dodu. (33-19)

Chamou meu marido *de* louco.

‘ Chamou o meu marido *de* louco.’

De acordo com Lang (2002:177), utiliza-se ainda a preposição *di* com os pronomes possessivos tónicos: _ *di meu* (*o meu*); *di bo* (*de você*); *di nho* (*do senhor*); *di sel* (*dele*), etc. E antes de complementos nominais: *pé di mandiôka*, *pé de mandioca*; *trabésa di báru*, *travessa de barro*; *panéla di pápa*, *panela de papa* etc. (33/19).

Os exemplos ilustram casos em que a preposição *di* (*de*) introduz igualmente no Cabo-Verdiano certos complementos verbais significando causa, razão, entre outros.

(92) a. Pretinha fika ku odju ragaládu na kabésa, ta treme *di* médu. (37)

Pretinha ficou com olhos arregalados na cabeça tremer *de* medo

‘ A pretinha ficou com os olhos arregalados a tremer *de* medo.’

b. (...) kai na txon *di* kapode (...) (73)

Caiu no chão *de* fraquesa.

‘ (Ele) caiu no chão *de* fraqueza.’

Preposição *di* (*de*) participante de certas “perífrases verbais”:

(99) Séka éra *di* tal manera ki nen pexi na mar ka staba ta parseba. (73-74)

Seca era *de* tal maneira que nem peixes no mar estavam a aparecer.

‘ A seca era *de* tal maneira que nem os peixes no mar apareciam.’

De também rege infinitivos que formam conjugações perifrásticas com os verbos *cessar*, *começar*, *dever*, *ter*, *haver*, *deixar* etc. – *devia de sair*, *tenho de partir*, *hei-de cantar*. Figura em certas construções entre adjectivo, geralmente precedido de artigo ou demonstrativo, e pronome ou substantivo a que o adjectivo se refere – (*os*) *pobres de nós*. A preposição também se põe após interjeição *ai*, adjectivos ou substantivos usados exclamativamente em frases que denotam emoção: *Ai de quem não acredita em Deus! Pobre daquele que não tem nem onde dormir...* A preposição *de* também rege adjunto, atributivo ou restritivo, figura entre artigo (demonstrativo ou possessivo) e o substantivo determinado por

ele e entre locuções prepositivas e pronomes pessoais – *em cima de mim, abaixo de nós* – fora os empregos que caíram em desuso (cf. Mira Mateus *et al.* 2003).

Preposição em

A preposição **em** exprime movimento – superação de um limite de interioridade; alcance de uma situação dentro de.

- **no espaço:** Os Garcias entraram *em* casa calados.

(Vitorino Nemésio, MTC, 194)

- **no tempo:** Nazario visitava-as de quando *em* quando.

(Coelho Netto, OS, I, 81)

- **na noção:** E a lagoa entrou *em* festa.

(Aníbal M. Machado, JT, 21)

Situação = posição no interior de, dentro dos limites de, em contacto com, em cima de.

- **no espaço:** Ângelo estava estirado na cama.

(Vitorino Nemésio, MTC, 124)

- **no tempo:** Tudo aconteceu em 24 horas.

(Carlos Drummond de Andrade, CB, 125)

- **na noção:** Pareceu-lhe que toda a povoação estava em chamas.

(Castro Soromenho, TM, 255)

Porém, Lang (2002:174) refere que a preposição **en** (*em*) se emprega preferentemente para introduzir complementos que indicam o material ou a forma de alguma coisa. Nestes casos, este autor afirma que *na* e *en* estão intrinsecamente relacionadas.

(93) Éra Mininu Bédju transformádu *en/na* kriatura! (267-19)

Era menino velho transformado *em* criatura.

‘Era menino velho transformado *em* criatura.’

Cardoso (2005:7) ressalta que a preposição *em* e sua contracção com os artigos definidos se realizam numa única forma, *na*. Como se pode verificar através dos exemplos:

(94) “Zé Manel razolve skrebe si kumpradri *na* Lisboa.”

José Manuel resolveu escrever seu compadre *em* Lisboa.

‘O José Manuel resolveu escrever o seu compadre *em* Lisboa.’

(95) “Nhu Zé Manel staba *na* sala di nzami.”

Senhor Manuel estava *na* sala de exame.

‘O senhor Manuel estava *na* sala do exame.’

(Silva 1987: 52)

De acordo com Lang a preposição **na** usa-se com empregos espaciais, temporais e outros, variante facultativa diante de vogal: n' [n] (cf. Lang 2002:485).

Empregos espaciais:

(96) a. E xinta *na* mésa, e kume fáxi, e sai (41-26)

Ele sentou *na* mesa, e comeu rápido, e saiu

‘(Ele) sentou-se à mesa comeu rápido e saiu.’

b. (...) mudjer bá *na* si maridu (...) (28-14)

Mulher foi *no* seu marido

‘A mulher foi ao pé do seu marido.’

Empregos temporais:

(97) *Na* fin di kel bon kebra-ndjudjun, mudjer fla-l: (55-4)

No fim de aquele bom café da manhã, a mulher disse-lhe.

‘*No* fim daquele bom pequeno-almoço, a mulher disse-lhe.’

Outros empregos:

(98) a. E atxatudu *na* sónu (25-14)

Ele foi encontrado *no* sonho.

‘(Ele) foi encontrado a dormir.’

b. Y ómi bá ta pása dia *na* si kanéka di águ y mandioka kru. (35-14)

E homem passava dia *com* sua caneca de água e mandioca crua.

‘ E o homem passava o dia *com* a sua caneca de água e mandioca crua.’

Lang (2002:484-485) acrescenta ainda que a preposição **na** entra na regência dos verbos tais como: *entra na*, (entrar em); *kunfia na*, (confiar em); *pega na*, (pegar em); *txiga na algen/na algun kusa*, (chegar em alguém/ chegar em alguma coisa), etc. Em perífrases verbais: _ *labánta na fase*, (levantar a/em fazer); *pega na fase*, (pegar em/a fazer), *po na fase*, (pôr-se a fazer); *sai na fase*, (sair em fazer); *sta na fase*, (estar a fazer) etc. (do português *na*, contracção da preposição *em* e do artigo definido feminino *A*).

Preposição A

Movimento = direcção a um limite: Rompo à frente, tomo *a* mão esquerda.

(Aquilino Ribeiro, M, 59)

- **no tempo**: Lá de ano *a* ano é que vinha procurá-la

(Miguel Torga, B, 30)

- **na noção**: A vida com o marido vai de mal *a* pior.

(Joaquim Paço d’Arcos, CVL, 937)

Situação = (coincidência, concomitância): A mulher adormeceu *ao* seu lado.

(Nélida Pinõn, SA, 146)

- **no tempo**: *Ao* entardecer avistei uma povoação.

(Camilo Castelo Branco, OS, I, 164)

- **na noção**: Amanhã *a* frio poderei dizer-te o contrário.

(Pepetela, M, 182)

Lang (2002:1) aludiu que a preposição *a* é uma preposição portuguesa que aparece em muitas expressões complexas do discurso repetido que o crioulo tomou emprestadas na íntegra do português. Referiu os seguintes exemplos: *a más* (a mais); *frenti a frenti*, (frente a frente) *grásas a*, (graças a), *korpu a korpu*, (corpo a corpo); *ládu a ládu*, (lado a lado) *a nádu*, (a nadar); *a sigir* (a seguir) etc.

Cardoso (2005) afirma que o facto de não haver no Cabo-Verdiano nem o artigo definido, nem a preposição *a* inibe também a realização da contracção da preposição *à*, pois não se pode contrair dois elementos que não existem. Confira os exemplos que se seguem:

(99) (falta de uso da preposição *a*) “ **O José foi casa do tio António.*” em Cabo-Verdiano *Djuzé bai kasa di tiu Ntoni*. Em vez da forma correcta em português *O José foi a casa do tio António*. Ou *O José foi à casa do tio António* (cf. Cardoso 2005:10).

(100) (falta de uso do artigo definido) “*O José não deu a maçã...*” como em Cabo-Verdiano *Djuzé ka da masan...* em vez da forma correcta em português: *O José não deu a maçã* (cf. Cardoso 2005:10).

Ao contrário de Cardoso que afirma não existir a preposição *a* no Cabo-Verdiano e também a preposição *em* realiza-se numa única forma *na* Lang, por sua vez, assegura que no Cabo-Verdiano existe tanto a preposição *a* como a preposição *em*.

3.1.3. Identificação dos aspectos semelhantes e divergentes quanto à funcionalidade das preposições no Português Europeu e no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago.

Teyssier (1989) sustenta que as preposições têm por função ligar os termos do discurso, precisando as relações que há entre eles. Ou seja, elas, de uma forma geral, podem ligar termos de classe gramatical muito diversa, regendo substantivos, pronomes, advérbios, ou outras preposições.

Thomé (2008) defende que o termo adoptado – *preposição* – mostra-se adequado às suas funções, pois esse elemento passou a relacionar diferentes classes de palavras, verbos, substantivos, adjectivos ou pronomes circunstanciais, como a primeira palavra do sintagma preposicional (SP). Assim, a preposição une elementos sintácticos de diversa natureza.

Elas estabelecem a ligação entre nome e nome, este ao pronome, adjectivo ao nome, determinante ao determinado, uma oração subordinada à respectiva subordinante e também podem introduzir os complementos circunstanciais:

Nome ao nome:

(101) “*Kel noti di lua xeia (...)*” (84)

‘Aquele noite *de* lua cheia’

Verbo ao pronome:

(102) *És skesi di tudo.* (29)

Eles esqueceram *de* tudo.

‘Eles esqueceram-se *de* tudo.’

Adjectivo ao nome:

(103) Era un surizu xeiú *di* sol (...) (32)

‘Era um sorriso cheio *de* sol.’ (Exemplos extraídos de Spínola 2004)

Usa-se também a preposição *di* “*de*” no Cabo-Verdiano – Variante de Santiago para exprimir o afastamento, a separação ou a extracção, a posse, a matéria, o complemento determinativo.

A matéria do que se trata:

Kamiza *di* lan.

Camisa *de* lã.

‘A Camisa *de* lã.’

A posse:

Kel kaneta li é *di* nha pai.

Esta caneta é *de* meu pai.

‘Esta caneta é *do* meu pai.’

O complemento determinativo:

Amor *di* mai é úniku.

Amor *de* mãe é único.

‘Amor *de* mãe é único.’

Separação:

E sipara *di* mudjer.

Ele separou *da* mulher.

‘Ele separou-se *da* mulher.’

Importa salientar ainda que se usa no Cabo-Verdiano a preposição *di* para introduzir complementos não frásicos de nomes, adjectivos, etc. ex.: *Paredis di se kázás* (as paredes *das* suas casas), *na fin di mundo* (no fim *do* mundo), *mar di buziuz* (mar de búzios), etc.

A mesma preposição exprime ainda a posse, matéria: *porta di gruta* (porta da gruta), *simentis di tâmara* (sementes de tâmara).

No cabo-verdiano a preposição *di* é utilizado para exprimir locuções temporais. *Éra saís óra di tardi*. Eram seis horas da tarde. (...) *txigaba kel zona di rapenti*. Chegou aquela zona de repente. *E di noti* (...) É de noite.

3.1.4. Análise comparativa das estruturas sintáticas das diversas classes gramaticais que as preposições têm na sua regência nas duas línguas em estudo

Para Veiga (2002:169), a sintaxe da regência é a relação de dependência que os elementos de uma frase estabelecem entre si, através de preposições ou de conjunções, podendo esta regência ser de natureza nominal ou verbal.

Veiga (*Ibidem*) afirma que a regência nominal se dá quando o regente e o regido são nomes, ou adjetivos. Por exemplo, em “*un kopu di agu*”, o elemento “*kopu*” é regente, “*di*” é regência, “*agu*” é o elemento regido. Enquanto a regência verbal verifica-se quando o regente é um verbo, sendo a regência uma preposição ou uma conjunção. Exemplos: “*krê na Nhordés*”, “*krê*” é regente, “*na*” regência e “*Nhordés*” regido.

No dizer de Thomé (2008), as preposições apresentam na sua regência diversas classes gramaticais. Elas estabelecem conexão entre dois ou mais termos da oração. Essa relação é do tipo subordinativa, ou seja, entre os elementos ligados pela preposição não há sentido dissociado, individualizado; ao contrário, o sentido da expressão é dependente da união de todos os elementos que a preposição vincula.

As preposições ligam o determinante ao determinado, as orações subordinadas à subordinante, exprime ainda diversos complementos circunstanciais, o complemento determinativo, entre outros.

A preposição associa o determinante ao determinado:

(104) *Báka di Abiliu*.

Vaca de Abílio.

‘A vaca de Abílio.’

Uma oração subordinada à respectiva subordinante:

(105) (...) *ten dias ki pa más ki nu tenta nu ka ta odja nada* (...)

Há dias que por mais que nos tentamos não conseguimos ver nada.

‘Há dias que *por* mais que tentemos não conseguimos ver nada.’

Complementos circunstanciais:

(106) Kel omi ta poba se gatóna *ku* se falkan (...) (34)

Aquele homem punha sua gatona *com* seu falcão

‘Aquele homem punha a sua gatona *com* o seu falcão.’

A preposição *di* (*de*), além de poder introduzir o agente da passiva estabelece também a relação do complemento determinativo.

(107) Korpu *di* Nhu Séza. (11)

Corpo *de* senhor Zéza.

‘O corpo *do* senhor Zéza.’ (Exemplos extraídos de Spínola 2004)

Em síntese, esse tipo de relação estabelecida entre as palavras é considerado uma conexão, em que os conectivos cumprem a função de ligar elementos. A preposição é um desses conectivos e se presta a ligar palavras entre si num processo de subordinação denominado regência. Diz-se regência devido ao facto de que, na relação estabelecida pelas preposições, o primeiro elemento – chamado antecedente – é o termo que rege, que impõe um regime; o segundo elemento, por sua vez – chamado conseqüente – é o termo regido, aquele que cumpre o regime estabelecido pelo antecedente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as preposições têm como funcionalidade aglutinar elementos linguísticos e caracterizar determinadas relações sintáticas ou semânticas entre esses mesmos elementos. Elas têm grande utilidade para a língua, na medida em que são usadas como elementos de ligação entre dois termos da mesma oração. Isto é, ligam os termos estabelecendo relações de sentido e de dependência entre eles. Essa ligação cria uma relação de subordinação em que o segundo termo se subordina ao primeiro. São invariáveis e não podem funcionar como elementos frásicos (cf. Vilela 1999: 355).

Thomé (2008) considera que as preposições podem introduzir diferentes funções sintáticas e estabelecer diversas relações semânticas. Em gramáticas tradicionais e em dicionários (cf. Bechara, 1999; Ferreira, 1999; Cunha, 2001; Rocha Lima, 2001; Houaiss, 2004), as preposições podem assumir uma série de valores, mas nenhuma tão extensa quanto a da preposição *de*, a depender do contexto em que está inserida. As preposições também introduzem termos que exercem diferentes funções sintáticas e valores semânticos. Contudo, a depender da preposição e da relação estabelecida entre os constituintes da sentença, algumas preposições, em especial *de*, podem servir apenas de elo sintático, sem conteúdo semântico.

Conclui-se também que tanto no Português Europeu, como no Cabo-Verdiano, as preposições podem estabelecer diversas relações. Elas são palavras vazias de sentido, são conectivos, ou seja, estabelecem apenas conexões entre termos da oração não desempenham uma função sintática. Apesar de não exercer propriamente uma função sintática, o emprego adequado das preposições é essencial para a coesão do texto. As preposições ao ligarem palavras ou orações estabelecem determinados valores semânticos, isto é, determinados sentidos que serão definidos pelo contexto.

Pode concluir-se ainda que, na língua Cabo-Verdiana, ocorrem praticamente as mesmas preposições consideradas essenciais no Português Europeu. No que diz respeito, não só à funcionalidade, mas também ao uso da preposição, constatou-se que existem aspectos divergentes, mas também semelhantes. No Cabo-Verdiano, a título exemplificativo, não se usa a preposição *a* para introduzir o complemento indirecto na frase, ou seja o complemento indirecto não é regido pela preposição, ao contrário do que acontece no Português Europeu. A língua Cabo-Verdiana opta pela estratégia de abandono de preposição depois de alguns verbos que exprimem movimento como: *ir'* – *Djon ba skola/ O João foi à escola* - o que não se verifica também em Português Europeu.

No Cabo-Verdiano – Variante de Santiago, a relação entre um verbo e um nome ou entre os dois nomes pode ser efectuada sem recurso à preposição, o que não sucede no Português Europeu.

Devido a imensa riqueza das preposições bem como o seu desdobramento com funções sintácticas e semânticas diferenciadas, aumentam as dificuldades do seu emprego. Ou seja, as preposições, devido ao número, significação, e posição sintáctica que ocupam na frase, nos mais diversos contextos, acabam por constituir barreiras para o falante de ambos os idiomas.

Este trabalho constitui uma aquisição de conhecimentos e experiências que podem ser úteis aos trabalhos posteriores que irão ser elaborados nesta matéria. Esperamos também que esta investigação dê um modesto contributo para uma melhor compreensão da funcionalidade e do uso das preposições não só no Português Europeu, como também no Cabo-Verdiano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, José Carlos de (2008). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, São Paulo: Publifolha, 2ª Edição.

ALMADA, Maria Dulce de Oliveira (1961). *Cabo Verde – Contribuição para o Estudo do Dialecto Falado no seu Arquipélago*, Lisboa, Junta de Investigação do Ultramar.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de (2005). *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 45 Edição, São Paulo: Saraiva.

BECHARA, Evanildo (2010). *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira 2ª Edição ampliada e actualizada pelo novo Acordo Ortográfico.

_____ (1999). *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 37ª Edição revista e ampliada (12ª reimpressão 2001).

CASTRO, José Manuel Pinto, NEVES, Manuela e LOPES, Maria do Céu Vieira (1998) *Gramática Do Português Moderno*. Lisboa: Plátano Editora 3ª Edição.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley (1999). *Nova Gramática Do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa, Lisboa: 1984.

CARDOSO, Eduardo A. (1989). *O Crioulo da Ilha de São Nicolau*. Praia ICLD, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda (Ed. 1984).

CARDOSO, Josefa. (2005). *O Papel da Língua Materna na Aquisição de uma segunda Língua: o caso da língua Cabo-verdiana (breve abordagem gramatical)*, CEM, Novembro de 2005.

CUESTA, Pilar Vasquez e LUZ, Mª Albertina (1971). *Gramática da Língua portuguesa*. Tradução portuguesa de Ana Maria Brito e Gabriela Matos. Lisboa: Edição 70/80.

LUFT, Celso Pedro (2008). *Dicionário Prático de Regência Nominal*. São Paulo, Editora Ática.

LANG, Jugen (2002). *Dicionário do Crioulo da Ilha de Santiago (Cabo Verde)*, Tübingen, Alemanha, Gunter Narr Verlag Tübingen.

MATEUS, M^a. H., BRITO, Ana M., DUARTE, Inês, FARIA, I. H., (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: 6^a Edição, Editorial Caminho.

OLIVEIRA, Marilza (2005). *Uso de preposições no português como L2: complementos verbais dativos*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da ABRALIN, Brasília 2005

PERREIRA, Dulce (1989). *Crioulo de Língua Portuguesa*, n.º 2, Dezembro, Língua Portuguesa.

_____ (1990). *Crioulo de Cabo Verde – Gramática Prática* (texto inédito).

_____ (1992). *Crioulos de Base Portuguesa*. In *Atlas da Língua Portuguesa na História e no Mundo*. Lisboa: Imprensa Nacional, Comissão Nacional para os Descobrimentos, União Latina, pp. 120-125.

_____ (1996a). *O Crioulo de Cabo Verde*. In Faria, Isabel Hub et al.(orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 551-559.

_____ (2000). *Crioulos de Base Portuguesa*. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/cvc/tempolingua/03.html>.

_____ (2000). *Línguas em contato*. In Isabel Hub Faria et alii (orgs) *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.

_____ (2003). *Pa nu skrebe na skola*. www.esse-jdeus.edu.pt

_____ (2004) “*Contacto de Línguas e aquisição de uma língua não materna*” Projecto “Vamos conversar na escola – *Nu ben papia na skola*”, Lisboa Escola Superior de educação João de Deus. *Santiago) Questões de Gramática*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, FCSH.

PERREIRA, Dulce, ARIM, Eva, CARVALHO, Nuno (2005). *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa (ILTEC)*.

PINA, Emanuel Correia de (2001). *O uso das seis preposições fundamentais em Português*. Trabalho Monográfico elaborado na disciplina de Lexicografia e Lexicografia sob a orientação do Doutor Malaca Casteleiro.

_____ (2006). *Aspectos da Estrutura da Frase e da Negação Frásica em Cabo-Verdiano (Variante de Santiago) e em Português Europeu – um estudo sintático comparativo*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

ROCHA, Ana Paula (2005). *Uso de preposições no português como L2: verbos de movimento*. Comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Abralín, Brasília 2005.

SILVA, Baltazar Lopes Da (1984). *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

SILVA, Tomé Varela (1998). “*Kiriolu: Spedju di nos alma*”, Revista Kultura nº2, Praia, INIC.

VEIGA, Manuel, (1982). *Diskrison Strutural de Língua KaboVerdiana*. Lisboa: ICLD/Plátano.

_____ (1995). *O Crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*. Praia: ICL

_____ (2002). *O Caboverdiano em 45 Lições*. Praia: INIC.

THOMÉ VIEGAS, Elaine (2008). *Preposições de, em, com e para em adjuntos adnominais: uma análise variacionista*. 111f. Dissertação (Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Área de Concentração: Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.